

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC – SP

Roberta Goes Linaris

A relação entre feminilidade e maternidade nas concepções de Freud e
Lacan – uma pesquisa teórica

MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

SÃO PAULO

2010

Roberta Goes Linaris

A relação entre feminilidade e maternidade nas concepções de Freud e
Lacan – uma pesquisa teórica

MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial
para obtenção do título de MESTRE em Psicologia Social, sob a
orientação do Prof. Doutor Raul Albino Pacheco Filho.

SÃO PAULO

2010

Resumo

O presente estudo teórico empreende uma análise sobre as questões que relacionam a feminilidade e a maternidade na teoria psicanalítica, especificamente em Freud e Lacan. Para realizar tal objetivo, expõe as principais publicações de Freud, a respeito da sexualidade e da feminilidade, enquanto em Lacan realizamos a análise acerca da sexualidade através de autores contemporâneos que realizaram uma leitura estruturada de sua obra. O trabalho se constitui de dois principais capítulos e uma conclusão que justifica o fato de relacioná-las na compreensão de uma posição que exclui a possibilidade de referência à diferenciação sexual no nível do inconsciente. No primeiro capítulo é elaborada uma relação entre as descobertas acerca da teoria da sexualidade e a constituição do aparelho psíquico para tecer uma relação com a importância da questão da feminilidade e da maternidade para a psicanálise e sua maneira peculiar de leitura da sexualidade. No segundo capítulo busca-se percorrer o mesmo caminho em relação ao que foi comentado sobre a obra de Lacan e o que se diferencia em suas concepções acerca da feminilidade e da maternidade, atribuindo à feminilidade uma posição no psiquismo. O último capítulo expõe um confronto entre o que foi afirmado por Freud e o que foi produto de uma releitura de sua obra por Lacan pautada na concepção do inconsciente como estruturado pela linguagem. A maternidade se diferencia, nas duas concepções, pautada na busca da identidade feminina em Freud e na possibilidade de dois modos de gozo conferidos à mulher em Lacan.

Palavras-chave: feminilidade; maternidade; psicanálise.

Abstract

The present theoretical study undertakes an analysis on the questions that relate the femininity and the maternity in the psychoanalysis theory, specifically in Freud and Lacan. To carry through such objective, it displays main publications of Freud, regarding the sexuality and of the femininity, while in Lacan we carry through the analysis concerning the sexuality through authors contemporaries who had carried through a structuralized reading of its works. The work constitutes two main chapters and a conclusion that justifies the fact to relate them in the understanding of a position that excludes the possibility of reference to the sexual differentiation in the level of the unconscious one. In the first chapter a relation is elaborated enters the discoveries concerning the theory of the sexuality and the constitution of the psychic device to construct a relation with the importance of the question of the femininity and the maternity for the psychoanalysis and its peculiar way of reading of the sexuality. In the chapter two we search to cover way in relation the same what it was commented on the workmanship of Lacan and what is differentiated in a its conceptions concerning the femininity and of the maternity, attributing to the femininity position in the psychology level. The last chapter displays a confrontation between what it was affirmed by Freud and what was product of a review of its workmanship for Lacan putada in the conception of the unconscious one as structuralized for the language. The maternity if differentiates, in the two conceptions, putada in the search of the feminine identity in Freud and the possibility in two conferred ways of joy to the woman in Lacan.

Key Words: femininity; maternity; psychoanalysis.

SUMÁRIO

Introdução	1
Capítulo 1 – Freud: a mulher, a feminilidade e a maternidade	11
A sexualidade	11
A sexualidade infantil.....	16
A diferença sexual e suas implicações no desenvolvimento infantil	21
A sexualidade feminina, a feminilidade e a maternidade.....	30
O caráter social da mulher e da maternidade	34
Uma outra saída para a feminilidade.....	43
Capítulo 2 – Lacan: a mulher, a feminilidade e a maternidade	46
A menina e sua relação com a mãe	49
A metáfora paterna e a divisão do sujeito	51
As estruturas clínicas.....	54
A sexualidade e seu caráter simbólico	55
A feminilidade, a sexualidade feminina e os modos de gozo	57
A maternidade e a gravidez	63
Capítulo 3 – De Freud a Lacan...	65
Referências Bibliográficas	68

Introdução

Ao partirmos da escuta clínica e de observações sobre o posicionamento assumido pelas mulheres na atualidade, podemos perceber uma característica que marca um novo lugar social, condição que sobressalta e dá voz às questões das mulheres nos dias de hoje.

Diante de conquistas financeiras e de grande participação política e social, a maioria das mulheres têm adiado o desejo de ter filhos em favor de aquisições profissionais, o que confere a elas maior liberdade em relação ao aspecto financeiro e ao seu valor enquanto agente social. O lugar que o filho preenchia no desejo da mulher parece concorrer agora com um forte anseio de sucesso profissional.

Consideramos que tais afirmativas referem-se a mulheres de uma determinada classe social (média e alta), sendo que entre a população de baixa renda encontram-se dados muitos diversos que incluem o grande índice de gravidez em mulheres jovens com o nascimento de mais de um filho.

Face a uma nova configuração familiar permitida e favorecida socialmente, que inclui divórcios e também a opção por não casar que muitos pais assumem, abre-se a possibilidade de um novo posicionamento da mulher nessa dinâmica. Apoiadas pelo advento do desenvolvimento tecnológico e científico, as mulheres têm condições de assumir o controle pela procriação e também pela constituição da família, escolhendo ou não incluir a presença do pai.

Consideramos também que mesmo diante de tais possibilidades oferecidas às mulheres, a maternidade continua a representar atualmente grande importância em suas realizações. Tal fato pode ser confirmado com as possibilidades a que as mulheres se agarram quando decidem assumir sozinhas a maternidade, sem a presença de um pai, como por exemplo, por meio da reprodução artificial, da adoção ou até mesmo das “produções independentes”.

Julgamos que a questão acerca da maternidade atualmente e sua relação com a feminilidade deve ser analisada considerando tanto os aspectos sociais quanto os aspectos subjetivos que interferem na escolha feita pelas mulheres, uma vez que encontramos diferentes realidades em diferentes contextos sociais.

Diante desses diferentes contextos na dinâmica social em relação à maternidade, nos colocamos o seguinte questionamento acerca do tema: mesmo diante do acesso à realização profissional, a feminilidade implica para as mulheres a realização da maternidade? Em que

medida os fatores sociais têm influência na constituição do “tornar-se mulher”, definido pela psicanálise?

Uma reflexão pautada em elementos sociais e subjetivos (não apresentando a intenção de definir uma relação de dissociação entre os dois conceitos, mas sim de dialetizá-los) que contribuiriam para o aparecimento de tais fenômenos sociais inclui inevitavelmente um breve levantamento histórico acerca da família e do lugar a que mulher ocupa em seu contexto.

Archanjo (2004) explora as críticas de Foucault sobre os mecanismos disciplinares¹ desenvolvidos por um funcionamento da sociedade industrial-capitalista. Estes visam manter o controle dos corpos promovendo a formação de trabalhadores eficientes e dóceis e exerce influência sobre a configuração familiar moderna em uma relação de complementaridade.

O modelo familiar burguês demanda representações sociais de gênero e o estabelecimento de papéis sociais distintos aos homens e às mulheres. Tornar-se homem ou mulher depende então de práticas feminilizantes ou masculinizantes que seguem os modelos de caracterização de gênero de uma dada época, determinando modos de agir, pensar e sentir adequadas ao seu sexo.

O processo de feminilização da mulher, naquele contexto, a afastava do campo de trabalho e atribuía-lhe, sobretudo o papel de mãe, papel de reprodutora (da e também na) sociedade.

Convém lembrarmos que a determinação de modelos corporais é produzida socialmente e sofre modificações a partir das mudanças sociais e, para Foucault, a disciplinarização dos corpos, que se expressa por meio de políticas de coerção, é um instrumento social produzido e utilizado pela sociedade, e respeita a interesses de determinados grupos nas relações de poder.

Para que a identificação a esses modelos ideológicos de feminilidade e masculinidade seja apreendida, o processo de disciplinarização visa a introjeção de valores e comportamentos nos indivíduos, favorecendo a naturalização das relações de gênero.

Evocamos Foucault nesse momento do trabalho, na intenção de explicitar a importância da construção dos conceitos de gênero enquanto fator social e político demarcando sua influência no contexto familiar, assim como o lugar ocupado pelas mulheres na família e na sociedade.

Com o intuito de fazermos uma aproximação entre a realidade da família burguesa européia e a família brasileira, acompanhamos Silva (2002) que busca, na história da

¹ Modelo de aplicação do poder que surge entre o final do séc. XVIII e início do séc. XIX. Engloba técnicas de coerção em uma atuação minuciosa no tempo, no espaço, no movimento e mais particularmente nos corpos dos indivíduos.

participação da mulher no mercado de trabalho no Brasil, uma enunciação do seu posicionamento social e as implicações do momento histórico em suas características.

A realidade brasileira até a última década do século XIX (considerando o Brasil, enquanto país escravocrata) oferecia às mulheres as possibilidades de trabalho doméstico ou na lavoura e, para as mulheres livres, o artesanato e o comércio.

Uma mudança na organização social e familiar decorre com o início da modernização. Novos modos de relacionamento são “importados” da Europa com o “aburguesamento” das elites, entre eles está o casamento definido por livre escolha. Tal posicionamento favorece uma reestruturação dos papéis femininos e masculinos, valorizando o papel de mãe e cuidadora do lar para as mulheres.

Outro advento de grande importância caracteriza-se pela industrialização. Essa provoca uma diminuição da participação da mulher nas fábricas e influencia sua exclusão da vida pública. Nesse momento, a mulher ficou relegada à esfera privada aprisionando-se no papel de esposa e mãe, e a dedicação a atividades domésticas deu lugar a uma “privatização das mulheres” (privatização política, cultural e legal) acompanhada por grande desvalorização social.

A partir da década de 30, a mulher começa a participar mais ativamente do mercado de trabalho, integrando fortemente o sistema de ensino.

Mesmo com algumas mudanças em sua participação no mercado de trabalho, a mulher acaba dedicando-se a empregos “típicos de mulher”, como por exemplo, o magistério.

Fato de grande importância relaciona-se à ocasião em que as mulheres começam a integrar metade da população estudantil (década de 70). Ocorre a partir desse momento, um processo de “desalienação” da cultura e da vida pública.

Silva (2002) chama a atenção para o fato de que, se a mulher não tinha uma representatividade social marcante para além da maternidade, tal fato não implica a inexistência de um discurso próprio. Na impossibilidade de expressão de um discurso, a mulher não abdica dele totalmente.

Na década de 60 inicia-se um marco de grande relevância social para a emancipação das mulheres: o advento do controle da natalidade. A possibilidade de contracepção abre caminho para uma experiência sexual dissociada da maternidade.

A psicanálise faz sua leitura de um novo momento em que a norma de conduta das mulheres é questionada e a maternidade não mais se coloca enquanto destino social, abrindo um novo lugar para a procriação e o desejo feminino. Analisa-se também as influências desse novo momento não somente na subjetividade do sujeito, como também em uma nova

constituição da família contemporânea com suas consequências em uma nova formação dos laços sociais.

Inferimos que a psicanálise interfere historicamente no processo social trazendo uma compreensão do homem que revela para a mente humana seu aspecto inconsciente, o que justifica a importância dos estudos de Freud, e também de Lacan que o segue enfatizando a existência de uma pluralidade de registros (simbólico, real e imaginário) responsáveis pelas articulações entre as identificações que constituem os sujeitos.

Roudinesco (2003), em publicação sobre questões atuais associadas à família, levanta a problemática do desejo de normatização pelos designados “excluídos” do sistema familiar – os homossexuais – que apresentam atualmente a reivindicação de constituírem suas próprias famílias com direito à legalização dos casamentos a também à paternidade e maternidade por meio de adoções ou fertilização artificial. A autora faz um levantamento histórico baseado nas diferentes configurações familiares e os momentos sociais e políticos que as acompanharam, situando os lugares do homem, da mulher e dos filhos nessas configurações.

Abordando o tema da família e dando ênfase a uma preocupação social sobre o domínio que o feminino assume frente a uma nova configuração familiar, Roudinesco explicita o medo que envolve a perda da função simbólica do pai e a ameaça à sua existência, aponta também a importância social na definição da diferenciação sexual. A autora ainda nos lembra que a maternidade teve seu lugar de destaque com o advento histórico da burguesia. A importância que se atribui à criança, a partir de então, delimita um lugar social para a mulher. Naquela nova configuração familiar, as reivindicações das mulheres acerca do poder patriarcal puderam ser contidas.

A organização da família econômico-burguesa demanda três fundamentos: a autoridade do esposo, a submissão das mulheres e a dependência dos filhos. Cabe à mulher manter-se no lugar de mãe para que a irrupção da sexualidade feminina fique contida uma vez que se caracterizava como devastadora e selvagem.

Roudinesco (2003, p. 38) coloca sobre aquele momento histórico que “A mulher deve acima de tudo ser mãe, a fim de que o corpo social esteja em condições de resistir à tirania de um gozo feminino capaz, pensa-se, de eliminar a diferença entre os sexos”.

Até que aconteça uma revisão social da família, os lugares definidos pelo pai e pela mãe são influenciados, entre outras coisas, pela moral judaico-cristã que dota o pai de cultura e a mãe de natureza primitiva. O pai em sua casa atua como o rei na política, soberano tomador de decisões e provedor do lar.

Nesse momento, Freud, que testemunha a queda do poder patriarcal, influencia o processo de emancipação das mulheres propiciando a escuta de suas diferenças, a aceitação da criança enquanto sujeito e a análise da sexualidade “invertida”. A mãe passa a assumir um lugar no qual divide com o pai a função de transmissão psíquica e física.

Ao criar a família edipiana, Freud projeta uma tragédia grega no psiquismo de um sujeito culpado por seus desejos, causando grande impacto na cultura da época, impacto que por sua magnitude persiste até os dias atuais. Duas grandes ordens definem as transformações familiares e também a forma como foram vistas: o biológico (diferença sexual) e o simbólico (interdição do incesto).

O Complexo de Édipo não define por si só a psicanálise, mas é um dos pilares de sua construção teórica e no momento em que Freud evoca Édipo Rei, este simboliza, entre outras coisas, um destruidor da ordem familiar a partir de seu duplo crime: parricídio e incesto. Suas atitudes desorganizam a ordem social, política e familiar, atentando contra os limites da diferença sexual.

Roudinesco (2003) interpreta a conversão do mito de Édipo em complexo por Freud como uma maneira de restabelecimento simbólico das diferenças sexuais necessárias à manutenção de um modelo familiar que se acreditava estar desaparecendo na época. O inconsciente teria assumido o lugar soberano de Deus pai e restituído a lei da diferença entre gerações, entre os sexos, entre pais e filhos. A psicanálise pode ser vista então como um sintoma do mal-estar presente na sociedade burguesa, e em contrapartida um dispositivo de auxílio no enfrentamento desse mal-estar, pois contribuiu para a aceitação de novas formas de parentalidade na constituição familiar, facilitando a emancipação das esposas e dos filhos.

O novo olhar lançado à sexualidade, favorecido pela psicanálise, organizou uma nova posição da mulher e da criança e um novo manejo das relações de aliança no meio familiar. Os papéis de esposa e mãe que eram reservados às mulheres, foram aos poucos se modificando e abrindo espaço a um processo de individualização simultaneamente à dissociação entre prazer e procriação.

Ao analisar a construção social da maternidade, Badinter (1985) contesta seu caráter inato e faz um levantamento histórico sobre o tema, ressaltando os lugares sociais determinados para as crianças e para as mulheres na sociedade tendo em vista a necessidade de desenvolvimento econômico. A maternidade marca um lugar na cultura em função da necessidade de crescimento populacional e o papel da mulher, enquanto mãe, passa a ser incentivado para que se alcancem os objetivos da criação de filhos saudáveis que possam crescer e fornecer mão de obra e também formar soldados para a luta nas guerras.

Badinter (1985, p. 25) escreve sobre a mãe:

A mãe, no sentido habitual da palavra (isto é, a mulher casada que tem filhos legítimos), é uma personagem relativa e tridimensional. Relativa porque ela só se concebe em relação ao pai e ao filho. Tridimensional porque, além dessa dupla relação, a mãe é também uma mulher, isto é, um ser específico dotado de aspirações próprias que frequentemente nada têm a ver com as do esposo ou com os desejos do filho.

A autora faz uma distinção entre a mãe e a mulher, a segunda enquanto sujeito desejante que ultrapassa a concepção da maternidade no que se refere à sua identidade. Badinter traz conclusões a respeito da influência dos valores sociais na determinação dos papéis sociais das mulheres.

A partir de um resgate das possibilidades e lugares sociais das mulheres que se associam ao poder patriarcal, a maternidade ganha importância na medida em que oferece à mulher uma possibilidade de poder. Esse poder é exercido não somente na administração do lar, mas também na criação de futuros cidadãos que compõem a sociedade. O discurso de “convencimento” das mulheres parte não somente do poder monárquico, como também da igreja católica.

Consideremos a importância do discurso da igreja católica em nossa cultura. Essa confere à mulher não somente a submissão ao homem face a responsabilidade pela sua origem (no livro Gênesis, Deus cria a mulher a partir da costela do homem), como também responsabiliza a mulher pelo pecado original (Eva é responsável por desrespeitar a lei divina e influenciar negativamente Adão) e por fim coloca para a mulher o dever da paixão que traz implícitos os deveres de passividade, submissão e alienação. A paixão dirige-se ao homem e também ao filho, como algo sagrado que remete à identificação da mulher com a Virgem Maria definindo uma série de atribuições da mãe em relação ao filho. Esse é concebido como um presente divino e exige da mulher total dedicação e abdicação de outros desejos que não o favoreçam e que definem que a mãe que não segue a dedicação exclusiva aos filhos recebe a qualificação de egoísta e pecadora.

O século XVIII marca a grande virada na história da maternidade. Segundo o levantamento literário realizado por Badinter (1985), até aquela época a criança não agregava grande valor para os pais. Por ocasião do nascimento, a maioria dos bebês nascidos nas classes mais altas da sociedade eram enviados às amas de leite que cuidavam das crianças até a idade de aproximadamente 4 anos. As mulheres mais pobres cuidavam dos seus filhos por

falta de dinheiro para contratar quem o fizesse e para essas os filhos significavam em grande parte um peso, pois tinham que abandonar o trabalho para cuidar deles. A taxa de mortalidade entre as crianças era altíssima. A autora deixa claro que se refere a uma função social, que não duvida que em muitos casos as mulheres sentissem muito amor e carinho por seus filhos. O mais importante nessa informação é a desvalorização social da maternidade, uma vez que o fato de ter uma ama de leite definia uma ascensão social da família.

Já mencionamos a importância da ascensão da burguesia e da disseminação de seus ideais de igualdade e (contraditoriamente) de felicidade individual para uma revisão dos papéis dos componentes familiares. Tendo em vista a necessidade de produção de mão de obra, desenvolve-se um discurso em favor dos cuidados maternos. Esses englobam o discurso religioso, o científico e o político.

Badinter (1985, p. 332), afirma sobre a mulher na sociedade: “A contradição entre os desejos femininos e os valores dominantes não pode deixar de engendrar novas condutas, talvez mais perturbadoras para a sociedade do que qualquer mudança econômica que se produza”.

Tal afirmação vem de encontro às colocações de Assoun (1993) sobre a posição da mulher enquanto sintoma e verdade da *Kultur*.

Assoun (1993) coloca a importância da histeria no desenvolvimento da clínica do desejo de Freud e sua função na formulação do discurso sobre a *Kultur*. A psicanálise, ao exceder a separação interior/psicológico e exterior/realidade externa, percebeu a mulher como porta-voz de um sintoma da *Kultur*. Essa face da teoria e prática da psicanálise explicita seu caráter sócio-político, lugar no qual a feminilidade tem uma de suas fortes representações.

Ressaltemos a importância que a psicanálise teve nas conquistas sociais das mulheres. Foi a partir de uma escuta diferenciada que Freud proporcionou às histéricas que o desejo feminino pudesse se tornar explícito e cuidado por meio de uma terapêutica clínica.

Em uma aproximação ao contexto social da época em que Freud desenvolveu suas teorias sobre a feminilidade, Assoun (1993) coloca ainda que existia um “sufocamento” do desejo feminino e afirmou que esse seria um fator condicionante, enquanto determinante real de um conflito de ordem psíquica, o que delimitava o real interesse do autor.

O desenvolvimento teórico de Freud acerca da feminilidade tem como foco o destino social e pulsional das mulheres ainda influenciado pelo referencial científico da época. Esse era marcado por uma separação entre o feminino e o masculino partindo da diferença anatômica para justificar a diferença social experimentada.

Para a teoria freudiana, a diferença sexual parte da diferença anatômica, porém coloca o homem e a mulher frente a uma idealização do falo sem possibilidade alguma de completude para ambos. Ao explicitar a importância da libido na vida psíquica dos sujeitos, Freud subverteu a ordem do pensamento científico da época.

Apesar de sua obra sobre a sexualidade feminina ser alvo de grande crítica, deve-se considerar o contexto social e também suas conquistas e descobertas sobre o desejo feminino, o que proporcionou a compreensão de um mal-estar que se apresentou como sintoma histérico e possibilitou às mulheres a alternativa de saírem da posição passiva de objeto do desejo.

De acordo com a teoria freudiana, a feminilidade é algo que se constrói, não é uma característica inata dos humanos que apresentam a anatomia feminina. A partir de uma disposição bissexual infantil, a menina vai vivenciar o Complexo de Édipo, e pode optar por três caminhos para o desenvolvimento da sua sexualidade, como resposta à angústia de castração e conseqüente inveja do pênis. O primeiro caminho a leva a uma renúncia à vida erótica, o segundo a um apego à masculinidade e somente o terceiro a levaria à feminilidade.

A grande diferença no caso do menino e da menina no referido processo é que a angústia de castração coloca a menina na direção do Complexo de Édipo, enquanto no caso do menino a angústia de castração encerra esse caminho abrindo a possibilidade de identificação com o pai.

Ao ingressar no caminho para a feminilidade, a menina buscaria conseguir do pai o que não conseguiu da mãe, o pênis tão invejado. Mas, na impossibilidade de se identificar ao pai, o desejo de possuir um pênis é substituído pelo desejo de ter um bebê.

Nesse ponto da teoria de Freud a feminilidade equivale à maternidade e a identificação feminina acontece determinada por um circuito fálico, uma vez que o desejo de obter um pênis transforma-se no desejo de ganhar um bebê do pai. Freud trabalhou com o que testemunhou em sua clínica: uma grande idealização da maternidade.

O pensamento de Freud estava adiantado em seu tempo, porém o próprio autor não se deu conta de que com suas descobertas estavam contribuindo para a distinção entre desejo sexual e procriação, favorecendo um novo lugar para as mulheres no seio da família e da sociedade.

Freud apresentava uma atitude interrogativa em relação à sexualidade feminina e interpretava o domínio do masculino como um desejo ativo de dominação e conquista, e a submissão feminina enquanto passividade, necessidade de amor.

Lacan contribuiu com a teoria freudiana no sentido de analisar de forma mais aprofundada a questão da sexuação. Define que a inscrição do sujeito na função fálica não leva em consideração a diferença anatômica entre os sexos. Ao justificar que a identidade do sujeito é

da ordem do significante, posiciona a feminilidade e a masculinidade enquanto representações do falo.

O que interfere na apropriação do tornar-se homem ou mulher é a inscrição no simbólico que a criança encontra na economia libidinal da família e no imaginário dos seus pais, uma vez que o sujeito se constitui em relação ao desejo do Outro.

O objetivo deste trabalho é apresentar de forma organizada uma pesquisa teórica sobre a relação entre feminilidade e maternidade nas concepções de Freud e Lacan.

Partiremos das principais formulações psicanalíticas de Freud acerca do tema da sexualidade, a sexualidade infantil, a diferença sexual e a correlação entre mulher, feminilidade e maternidade. Alcançaremos também as colocações de Lacan acerca da posição feminina e os modos de gozo que diferenciam as posições, do homem e da mulher, perante o falo. Abordaremos também as construções de pesquisadores contemporâneos que se apropriam desse mesmo referencial teórico e que nos auxiliam a compreender e atualizar a leitura sobre o tema.

O questionamento acerca da relação entre feminilidade e maternidade coloca-nos frente à polêmica da diferenciação sexual e explicita as características da psicanálise enquanto discurso subversivo de uma visão puramente biológica da maternidade e da mulher.

A opção por uma leitura freudiana e lacaniana coloca-nos a oportunidade de fazer uma análise dos aspectos subjetivos do “tornar-se mulher”, considerando a impossibilidade de dissociação entre o sujeito e a sociedade.

O referencial psicanalítico confere a possibilidade de análise do sujeito a partir das manifestações do desejo inconsciente e de algo que escapa ao simbólico no que se refere também à maternidade. Os sujeitos, tanto homens quanto mulheres, são compreendidos por meio de uma análise subjetiva de seu posicionamento sexual, apresentando um caráter singular de manifestação de seus desejos.

Tal característica da psicanálise a coloca em um lugar de estudo dos aspectos sociais promovendo debates, sobretudo éticos, a respeito da feminilidade e do que representa ser mulher e a aproximação desses questionamentos com a transformação social.

A pesquisa partirá da leitura de autores contemporâneos havendo uma retomada aos textos originais de Freud e Lacan quando julgarmos oportuno, e necessário.

Coloca-se enquanto método do trabalho, o estudo do percurso seguido por Freud em sua linha de pensamento e formalização teórica, seus postulados sobre o que descobriu na clínica sobre a sexualidade acompanha a referência teórica da formação do aparelho psíquico e das patologias psicológicas, assim denominadas na época. A distinção entre os conceitos

“Sexualidade Feminina”, “Feminilidade” e “Mulher” favorece a compreensão da maneira como a psicanálise percebe a relação entre a feminilidade e a maternidade. Com Lacan, acompanhamos a importância da leitura da sexuação na constituição do sujeito e seu desejo, sujeito influenciado pela linguagem.

Freud deixou as coordenadas teóricas para que Lacan diferenciase a Mulher da feminilidade, ressaltando a última enquanto posição que pode ser assumida tanto pelos homens quanto pelas mulheres.

A questão da maternidade mostra-se em Freud, atrelada ao desenvolvimento satisfatório e “normal” da sexualidade feminina dando origem à feminilidade. Já em Lacan, que reconhece para a mulher a possibilidade de dois gozos: o gozo fálico e o gozo Outro, a maternidade pode ser compreendida enquanto um gozo Outro, que não se reduz ao falo, mesmo que a criança ocupe o lugar de falo para a mãe em determinado momento da constituição da sua subjetividade.

O segundo capítulo dessa pesquisa aborda os principais conceitos psicanalíticos desenvolvidos por Freud diante da sua compreensão do fenômeno da histeria. Desenvolvemos os conceitos de “Sexualidade” e “Sexualidade Infantil” para chegarmos ao que Freud desenvolveu sobre a “Sexualidade Feminina” e a “Feminilidade”, considerando a afirmação freudiana de que a diferenciação sexual parte de uma predisposição bissexual da criança. Ao desenvolver tais conceitos ponderamos o momento histórico, realizando um contraponto com a descoberta do inconsciente e a influência desse novo discurso psicanalítico em relação a uma visão da feminilidade.

Ao abordarmos a construção dos conceitos de feminilidade e maternidade na teoria freudiana, procuramos identificar a origem da formalização da teoria psicanalítica acerca do psiquismo inconsciente e suas manifestações no meio social.

Nos apoiamos nos textos de Freud: “Sobre as teorias sexuais das crianças”, “Sobre o Narcisismo: Uma introdução”, “Além do Princípio de prazer”, “A Organização Genital Infantil”, “O Problema Econômico do Masoquismo”, “A Dissolução do Complexo de Édipo”, “Algumas Consequências Psíquicas da Distinção Anatômica entre os Sexos”, e “Fetichismo” para fundamentar a base da relação entre o desenvolvimento da sexualidade e a formação do psiquismo. Fato que, em Freud, apóia-se no Complexo de Édipo e da castração.

Outros textos como: “Moral Sexual Civilizada e Doença Nervosa Moderna”, “Transformações do Instinto Exemplificadas no Erotismo Anal”, “Sexualidade Feminina” e “Feminilidade” pautaram nossa exposição sobre as questões relacionadas diretamente à problemática da feminilidade e suas representações no contexto social.

Apoiamos nossa leitura sobre a obra freudiana em autores contemporâneos não somente para explicar os conceitos que fundamentam a teoria psicanalítica, mas também para apreendermos uma crítica atual pautada em uma leitura lacaniana, leitura que além de pautada nos escritos freudianos, desenvolveu uma conceituação própria em relação à feminilidade enquanto posição subjetiva.

O terceiro capítulo abarca a leitura de Lacan sobre a “sexuação” que parte da lógica e coloca todo sujeito, homem e mulher, submetido à lei do falo.

Nesse contexto, a feminilidade e a maternidade colocam a possibilidade de existência de um gozo Outro, tal qual postulado por Lacan e atribuído à posição feminina, fato que se coloca na relação da mulher com o próprio corpo. Acompanhamos o levantamento teórico feito por Prates (2001) acerca de como se dá o processo da distinção sexual para Lacan em sua leitura do inconsciente associado à questão da linguagem. Buscamos em André (1998) a colocação de Lacan sobre o tornar-se mulher e a afirmação de que à mulher é possível além de um gozo fálico um gozo Outro. Aproveitamos também suas considerações sobre a relação da menina com sua mãe a partir das identificações e do Complexo de Édipo, determinando a visão de que a mãe coloca a menina não somente em confronto com a falta de falo, mas também com a falta de um significante que a identifique. Para tratarmos a relação entre feminilidade e maternidade, citamos Marcos (2007) com a leitura de que além da maternidade situar-se na lógica fálica, existe algo que foge a esse gozo e que relaciona-se ao gozo Outro e que a criança coloca-se para a mãe como um real indimensionável.

O capítulo quatro apresenta uma conclusão na qual é feita uma articulação entre as duas visões teóricas, na qual fica exposta uma continuação, proposta por Lacan de releitura da obra freudiana. Complementamos a reflexão com a justificativa da constituição subjetiva em sua relação aos aspectos históricos e sociais, esses apresentam uma possibilidade de análise de uma postura social diferenciada frente a questão da feminilidade e maternidade. Para tal discussão utilizamos os textos de André (1998) que faz a análise das influências da formulação freudiana na obra de Lacan e Askofaré (2007) que situa o sujeito lacaniano em sua relação com o Outro.

1 – Freud: a mulher, a feminilidade e a maternidade

Neste capítulo, propomos um contato mais próximo com as principais publicações de Freud sobre a sexualidade e seu caminho em direção à sexualidade feminina. Tal contato acompanhará a importância do conceito psicanalítico de sexualidade para o desenvolvimento do aparelho psíquico, seu funcionamento no que se relaciona ao indivíduo e suas particularidades, além da definição das diferentes estruturas psíquicas.

Partiremos dos escritos freudianos acerca da Sexualidade e seu desenvolvimento proporcionado pelo Complexo de Castração, explicando como Freud desenvolveu sua teoria sobre a sexualidade feminina e sua importância para o funcionamento do psiquismo e constituição do desejo. Buscaremos explicitar a importância dos estudos de Freud sobre a Feminilidade no desenvolvimento da Psicanálise, assim como sua percepção da histeria enquanto sintoma social.

A sexualidade

Desde os primeiros relatos sobre a clínica da histeria, Freud coloca a sexualidade na origem dos traumas psíquicos e revoluciona a leitura do fenômeno sexual.

De acordo com Mannoni (1994), desde a introdução do relato da análise de Dora, Freud não omitiu o fato de que tratava com ela de questões ligadas à sexualidade, e a partir de então, trabalhou com o conceito de sexualidade permeando suas teorizações acerca da clínica da neurose e da psicose. No entanto, a sexualidade, nesse contexto, não se limita à genitalidade e adquire uma multiplicidade de significados, os quais demarcam o lugar da psicanálise enquanto um discurso.

Uma colocação importante sobre a sexualidade é que essa se inscreve no campo da fantasia, o que resulta que ela possa se apresentar de formas diversificadas, apresentando uma grande multiplicidade de fins para sua satisfação. O lugar conferido, pela psicanálise, ao registro da fantasia indica a possibilidade de materialização da sexualidade no registro corpóreo. A fantasia se materializa no corpo e impossibilita a oposição entre psíquico e físico uma vez que se coloca enquanto instrumento de expressão do desejo, sendo que o corpo para a psicanálise não representa somente o somático e nem o organismo e começa a ser visto enquanto marcado pelas pulsões.

O conceito de pulsão, por sua vez, é fundamental para a psicanálise no que se refere à sexualidade. Esse apresenta dois momentos distintos na construção teórica de Freud e marca o grande diferencial para o diagnóstico psicanalítico.

Gomes (2002), em artigo sobre as duas teorias das pulsões, delimita as diferenças entre os dois momentos teóricos e afirma que o próprio conceito de pulsão se diferencia em cada um deles.

A teoria proposta por Freud é a de que o psiquismo encontra-se exposto a quantidades de excitação que são provenientes do próprio corpo e que este funciona a partir desse estímulo, buscando um alívio do excesso de tensão, que é sentido como desprazer pelo indivíduo. De acordo com a primeira teoria das pulsões, a pulsão se situa na fronteira entre o psíquico e o somático (a estimulação vem do somático e atinge o psíquico, desfazendo a delimitação dessa fronteira) e se organiza de acordo com quatro categorias: sua fonte (processo somático do qual a pulsão se origina), seu alvo (sua finalidade ou meta, que visa à suspensão da estimulação na fonte), seu objeto (o que permite à pulsão atingir seu alvo) e a pressão (intensidade da pulsão, que convoca o psiquismo a trabalhar para livrar-se dessa pressão e encontrar satisfação no corpo).

Freud localiza, nesse momento, dois tipos de pulsões: as pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação (pulsões do eu). As primeiras originam-se de fontes orgânicas diversas e têm como alvo o prazer de um órgão. Apoiam-se nas pulsões de autoconservação e buscam o objeto indicado por essas, sendo que uma parte delas (as pulsões sexuais) permanece ligada às pulsões de autoconservação atribuindo-lhes componentes libidinais.

Já as pulsões de autoconservação, também denominadas pulsões do eu, são pulsões que visam à preservação do indivíduo, o que em outras fontes teóricas pode ser encontrado como instinto de autoconservação. Para Freud a preservação do indivíduo em oposição à preservação da espécie também é pulsão.

O fato de que tanto a sexualidade quanto a procura de autopreservação sejam consideradas pulsões por Freud, não significa uma tentativa de equiparação. Para ele, a relação das pulsões de autoconservação com os objetos externos (princípio da realidade) é muito mais evidente, enquanto as pulsões sexuais ficam muito mais sujeitas ao registro das fantasias (princípio do prazer).

Um ponto importante a ser ressaltado é a distinção entre as pulsões do eu e o investimento libidinal do eu. Enquanto o investimento libidinal do eu, que acontece pelas pulsões sexuais, explicita o investimento da representação da própria pessoa ou de parte do

seu corpo, as pulsões do eu se diferem das pulsões sexuais e, na maioria das vezes, levam ao investimento objetal.

A pulsão coloca-se então como um tipo de elo entre o somático e o psíquico. A partir da sua origem somática, a pulsão desperta necessidades que são interpretadas psiquicamente por meio de representações, que são demandas direcionadas aos outros para a obtenção de satisfação. Essas demandas colocam-se enquanto expressão de desejos e situam o sujeito no mundo.

A segunda teoria da pulsão surge a partir de 1920 com a publicação de “Além do Princípio do Prazer”. O que difere as duas teorias é que na primeira, as pulsões, tanto as de autoconservação quanto as sexuais, em vista de suas fontes e alvos, aparecem enquanto dependentes do funcionamento biológico. Já na segunda, as pulsões são estabelecidas como tendências universais da vida orgânica que se refletem no funcionamento psíquico.

Às descobertas acerca das pulsões realizadas na primeira teoria, é acrescentada uma nova dualidade de pulsões, que não substituem as primeiras, mas englobam e somam novas descobertas sobre o que determina o funcionamento psíquico. O caminho percorrido pela pulsão em direção à relação objetal se mantém. Há uma exigência de trabalho para o psiquismo solicitada por uma fonte somática que provoca uma pressão que busca descarga de excitação e que engloba objetos na sua busca de alcançar o alvo da satisfação. Todo esse movimento gera o desejo em um funcionamento ininterrupto.

Freud (1920) contrapõe a pulsão de vida à pulsão de morte, sendo que as pulsões de autoconservação e as pulsões sexuais encontram-se sobre o funcionamento da pulsão de vida.

Nesse contexto, a pulsão de vida é compreendida como uma tendência à formação de unidades maiores, à união e unificação entre as partes dos seres vivos; já a pulsão de morte tende à separação, ao retorno ao estado inorgânico. Dessa forma, o conceito de pulsão se amplia: de uma exigência feita ao psiquismo pelo soma, passa a denotar duas tendências gerais que regem todos os organismos vivos, que se originam do biológico.

Em “Além do Princípio do Prazer”, Freud parte da percepção de uma compulsão à repetição que pode ser exemplificada pelas brincadeiras infantis e que também se manifesta no tratamento psicanalítico. O autor considera essa compulsão proveniente das pulsões e suficientemente forte para desconsiderar o princípio do prazer, pois persiste mesmo frente grande sofrimento como uma forma de “desprazer neurótico”.²

² Segundo Freud, um prazer que não pode ser sentido como tal.

No que se refere ao jogo infantil, a repetição da experiência de desprazer por meio do jogo, retirava a criança da situação passiva na qual era vencida pela experiência e a colocava em um lugar ativo.

Na esfera do trabalho psicanalítico, a compulsão à repetição apresenta-se de maneira que o paciente se vê, de forma inconsciente, compelido a repetir o material reprimido como se fosse uma experiência atual. Tais experiências apresentam um caráter de reprodução de conteúdos da vida sexual infantil, do Complexo de Édipo, e são atuadas na relação de transferência psicanalítica. O momento pontuado por Freud caracteriza um processo de grande importância na clínica psicanalítica, a transformação do que era denominado neurose primitiva em neurose de transferência.

A compulsão a repetição também suscita, em Freud, a proposição de que toda pulsão tende ao restabelecimento de um estado anterior, ao qual o organismo vivo se viu obrigado a abandonar sob a influência de forças externas. Uma vez que o estado anterior à vida é o estado inorgânico, toda pulsão tenderia ao retorno a esse estado. Sendo assim, o objetivo da vida seria a morte, e as pulsões de autoconservação, que tenderiam a proteger o indivíduo, seriam pulsões parciais que atuariam na função de certificar que o organismo siga seu próprio caminho em direção à morte.

Porém, ao refletir sobre as características das pulsões sexuais, Freud afirma que essas não se acomodam a uma concepção da pulsão que tenha por fim a morte e considera uma dualidade entre a pulsão de vida (as sexuais e as de autoconservação) e a pulsão de morte.

Em uma descrição sobre o tema da sexualidade infantil na teoria freudiana, Prates (2001) lembra-nos que o conceito de sexualidade, que abarca o conceito de pulsão, passa por vários momentos na obra de Freud e que se inicia com a afirmativa de que a pulsão aparece como impulso proveniente do corpo que busca satisfação (“Projeto de uma psicologia para neurólogos” 1985). Posteriormente, Freud denomina a pulsão sexual (libido), que integra a configuração das psiconeuroses (“Três Ensaios para uma Teoria Sexual” 1905), diferencia a sexualidade do contexto da biologia (ao diferenciar-se do conceito de instinto) e considera que ela se manifeste desde o nascimento. Distingue ainda a sexualidade da genitalidade e pontua que as zonas erógenas não se ligam exclusivamente à função reprodutiva.

A questão da libido única, a masculina, é apontada por Freud desde os “Três Ensaios...”. Apresenta-se no auto-erotismo da primeira infância e vai tornar complexas suas formulações acerca da hipótese de uma sexualidade tipicamente feminina, uma vez que essa sexualidade essencialmente masculina encontra representação na masturbação clitoridiana e na relação de passividade dirigida à mãe, presente no período pré-edípico da menina. Posteriormente essa

sexualidade masculina deverá ser recalcada para dar lugar a uma posição tipicamente feminina.

Ao partir dessas proposições, Freud desenvolve a teoria do recalque e atribui ao conceito de libido uma divisão que caracteriza dois modos de satisfação diferentes: atividade e passividade com sua correspondência ao caráter masculino e ao caráter feminino.

Em “Sobre o Narcisismo: Uma Introdução” (1914), Freud postula a libido do ego e a libido objetal, o que aqui define o tipo de objeto de satisfação da libido. A importância dessas colocações encontra-se no fato de como Freud concebe a feminilidade. Uma de suas afirmações é a de que o narcisismo é mais acentuado na mulher, portanto necessita mais de amor que o homem.

A sexualidade infantil

Freud, ao escrever sobre suas descobertas acerca da sexualidade em “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade” (1905), defende que a bissexualidade é constitucional do sujeito, já se manifestando, portanto, nas crianças. Essas seriam providas da bissexualidade desde o nascimento até a experiência do complexo de castração, período que se acompanha pela latência, e no qual há uma sublimação dos desejos sexuais. Esse fator é de grande importância para a cultura uma vez que os desejos são sublimados e, portanto direcionados a outros fins.

O conceito de bissexualidade passa por um processo de aprimoramento na obra freudiana e segue a direção de uma oposição entre atividade e passividade para dar conta de uma conceituação do que seria o masculino e o feminino, não visando uma oposição entre os sexos, mas sim uma diferenciação. A pulsão sexual do ser humano não se organiza em razão de uma oposição homem e mulher, mas sim de acordo com posições localizadas de maneira assexuada, como atividade – passividade e sujeito – objeto.

Na referida publicação, Freud expõe as manifestações da sexualidade infantil: o chuchar (caracteriza-se pelo ato de sugar com a boca provido de grande prazer e que não tem por fim a alimentação), o auto-erotismo (satisfação encontrada na estimulação do próprio corpo), seu alvo (o próprio corpo), a masturbação (atividades nas regiões: anal, genital, e o período de latência), o caráter investigativo (a pulsão de saber, o enigma sobre de onde vêm os bebês/ a aceitação da diferença sexual, o complexo de castração e a inveja do pênis, a concepção sádica da relação sexual e as teorias sexuais infantis), as fases de desenvolvimento da

organização sexual (oral e sádico anal) e as suas fontes (as excitações mecânicas, a atividade muscular, os processos afetivos e o trabalho intelectual).

Ao que se refere à sexualidade infantil, essa se manifesta principalmente por três características: surge apoiada nas funções somáticas vitais, ainda não apresenta objeto sexual e seu alvo encontra-se no próprio corpo (zonas erógenas).

Para delimitar o que interessa ao tema da construção da sexualidade feminina, o que mais nos importa nesse artigo é a colocação de Freud de que a manifestação da sexualidade humana já está presente nas crianças, não apresentando um objeto pré-determinado e encontrando-se sob as mesmas fantasias inconscientes que guiam a vida sexual dos “perversos” – direção da libido a pessoas do mesmo sexo, por exemplo.

Ao discorrer sobre a disposição perverso-polimorfa infantil, Freud deixa explícita sua ambiguidade em relação à sexualidade feminina. Ao mesmo tempo em que a diferencia e a iguala à sexualidade infantil, assume que suas características são universais, encontradas em todos os humanos.

De acordo com o próprio autor:

“É instrutivo que a criança, sob a influência da sedução, possa tornar-se perversa polimorfa e ser induzida a todas as transgressões possíveis. Isso mostra que traz em sua disposição a aptidão para elas; por isso sua execução encontra pouca resistência, já que, conforme a idade da criança, os diques anímicos contra os excessos sexuais – a vergonha, o asco e a moral – ainda não foram erigidos ou estão em processo de construção. Nesse aspecto, a criança não se comporta de maneira diversa da mulher inculta média, em quem se conserva a mesma disposição perversa polimorfa. Em condições usuais, ela pode permanecer sexualmente normal, mas guiada por um sedutor habilidoso, terá gosto em todas as perversões e as reterá em sua atividade sexual. Essa mesma disposição polimorfa, e portanto infantil, é também explorada pelas prostitutas no exercício de sua profissão, e no imenso número de mulheres prostituídas ou em quem se deve supor uma aptidão para a prostituição, embora tenham escapado ao exercício dela, é impossível não reconhecer nessa tendência uniforme a toda sorte de perversões algo que é universalmente humano e originário” (FREUD, 1905, p. 180).

Nota-se que o autor classifica a mulher que apresenta uma manifestação da sexualidade enquanto perversa polimorfa como “a mulher inculta média”, essa se equipara às crianças, o que nos parece uma grande influência do preconceito social conferido à expressão da sexualidade pelas mulheres da época.

A pulsão sexual, na criança, se apresenta como autoerotismo (satisfação no próprio corpo) e se desloca de acordo com a estimulação das zonas erógenas. Ao acompanhar o

desenvolvimento da libido, esses impulsos sexuais infantis são recalçados progressivamente, mas encontram-se também na sexualidade adulta. Lembremo-nos de que a teoria defendida anteriormente por Freud (Teoria da Sedução³) postulava que a sexualidade era despertada na criança por meio da sedução de um adulto e desconsiderava a questão da fantasia no que se refere à produção do desejo.

Mannoni (1994) aponta o momento no qual Freud (1914), ao buscar a direção de um embasamento que explicasse a libido do eu, atribui ao ego a função de um “objeto”, marca de identificações, integrante da fantasia e produtor da loucura, tanto quanto da razão. Ao trazer para a psicanálise o conceito de “Narcisismo”, Freud denuncia um movimento no qual os investimentos pulsionais encontram-se concentrados no ego do sujeito. Entretanto, essa teoria se apoia no estudo da loucura. Ao buscar explicação para a megalomania, a hipocondria e a paranoia, Freud desenvolve a noção de “psiconeurose narcísica” e identifica a constituição do ego proveniente do narcisismo primário.

Ao diferenciar o mecanismo próprio encontrado nos neuróticos e nos parafrênicos, Freud se interroga sobre o movimento de direção da libido. No caso da neurose, a ligação erótica com as outras pessoas e as coisas persistem, encontra-se direcionada para a fantasia; enquanto nos parafrênicos, a libido parece ter sofrido uma retirada do mundo externo, porém sem haver qualquer tipo de substituição no campo da fantasia. A libido afastada do mundo externo é então dirigida ao próprio ego.

Freud postula a existência de um narcisismo primário, momento de investimento da libido no próprio ego, algo que já podia ser observado nas crianças, e um narcisismo secundário, que seria o retorno dessa libido que foi investida nos objetos, para o próprio ego.

Na intenção de tornar clara a teoria sobre a libido, o autor utiliza exemplos da vida mental das crianças e dos povos primitivos com suas características análogas às observadas na megalomania: supervalorização dos seus desejos e pensamentos.

Suas formulações teóricas seguem agora, no sentido de diferenciar uma libido do ego de uma libido objetal, que se encontram intimamente relacionadas, pois enquanto mais uma é empregada por outro lado mais a outra se esvazia.

Parte da grande importância atribuída à publicação de 1914 localiza-se no fato de o autor considerar o narcisismo no desenvolvimento sexual comum a todos os sujeitos e dedicar-se à questão da relação do ego com os objetos externos. A energia psíquica somente se transforma

³ Teoria freudiana que postulava que os neuróticos haviam sido traumatizados na infância por uma ocorrência real de sedução por parte de um adulto; e na puberdade, diante do despertar da sexualidade, a lembrança do trauma torna-se patológica. A teoria da sedução foi reavaliada por Freud e abriu espaço para o lugar da fantasia na sexualidade infantil.

em libido por meio do ato de catexização de um objeto, parte daí a possibilidade de distinção entre “libido do ego” e “libido objetal”.

Nas palavras de Freud (1914, p. 83):

“Nas crianças de hoje, cujo desenvolvimento é muito mais obscuro para nós, esperamos encontrar uma atitude exatamente análoga em relação ao mundo externo. Assim, formamos a idéia de que há uma catexia libidinal original do ego, parte da qual é posteriormente transmitida a objetos, mas que fundamentalmente persiste e está relacionada com as catexias objetais, assim como o corpo de uma ameba está relacionado com os pseudópodes que produz”.

Para explicar o movimento que influencia o investimento objetal, Freud se utiliza de aspectos relativos à doença orgânica, à hipocondria e à vida erótica dos sexos. O doente crônico desinveste sua libido de objetos externos, perde o interesse pelo mundo, apresentando a capacidade de dedicação exclusiva ao seu sofrimento. No momento em que sofre, retira sua libido dos objetos amorosos, cessa o investimento amoroso. Além disso, o doente direciona sua libido somente para o próprio ego, voltando a investi-la nos objetos externos após sua recuperação.

No caso da hipocondria há uma erogenicidade do órgão afetado, uma vez que ele não apresenta um comprometimento real. Freud (1914, p.91) identifica o que chama de “modificação paralela da catexia libidinal do ego” com a parafrenia, e ressalta:

[...] o mecanismo do adoecer e da formação de sintomas nas neuroses de transferência – o caminho da introversão para a repressão – deve ficar vinculado a um represamento da libido objetal, podemos também ficar mais perto da idéia de um represamento da libido do ego, e podemos estabelecer uma relação dessa idéia com os fenômenos da hipocondria e da parafrenia”.

Em um esforço de se livrar de um aumento da excitação causada por esse represamento da libido, o aparelho mental busca o alívio dessa excitação, o que explicaria sua necessidade em superar os limites do narcisismo e dirigir a libido aos objetos, que podem ser os reais ou os imaginários.

Quanto à vida erótica dos seres humanos, o narcisismo pode ser percebido por meio de suas manifestações que, para Freud, são diferentes no homem e na mulher. A partir da análise de crianças, observou-se que a escolha de objeto tem seu início em experiências autoeróticas de satisfação e essas estão ligadas a funções vitais que têm a finalidade de autopreservação. Os primeiros objetos sexuais da criança são as pessoas ligadas aos cuidados relativos à alimentação e proteção, na maioria dos casos a mãe ou quem cumpra tal função; esse fato está ligado à condição que une as pulsões sexuais primeiramente às pulsões do ego, para posteriormente tornar-se independente dela.

A descoberta dessa ligação narcisista de objeto deve-se então, aos casos (pervertidos e homossexuais) em que Freud observou um distúrbio no desenvolvimento libidinal, o qual levaria os sujeitos a escolher como modelo de objeto amoroso suas mães ou a si mesmos. O narcisismo primário pressupõe que a escolha objetual inclua os dois objetos: ele mesmo e a mulher que fornece cuidados a ele, como parte do desenvolvimento normal do indivíduo.

Ao tecer uma comparação entre o sexo feminino e o masculino, Freud cita algumas diferenças relativas ao tipo de escolha objetual, porém menciona que tais diferenças não são universais. A característica que distingue o indivíduo de sexo masculino do feminino é a escolha objetual; no caso do masculino, a escolha objetual é de ligação, identificada por uma supervalorização sexual, que agrega um empobrecimento da libido do ego em favor do objeto amoroso; já o tipo feminino apontaria para um desenvolvimento adverso da escolha objetual, influenciada por uma intensificação do narcisismo original. Em suas palavras: “As mulheres, especialmente se forem belas ao crescerem, desenvolvem certo autocontentamento que as compensam pelas restrições sociais que lhes são impostas em sua escolha objetual” (FREUD, 1914, p. 95).

Tais mulheres, segundo o autor, amariam somente a si mesmas e exerceriam grande fascínio sobre os homens, tendo ainda grande importância em relação à vida erótica da humanidade, uma vez que favoreceriam uma condição psicológica na qual o narcisismo de uma pessoa exerceria grande influência sobre aqueles que renunciaram ao seu narcisismo e buscaram o amor objetual.

Encontramos também nesse artigo, “Sobre o Narcisismo”, menção sobre a natureza enigmática da mulher, algo enfatizado por Freud em relação à feminilidade. Ao apontar as razões em relação aos encantos da mulher narcisista, o autor coloca que a contrapartida, do lado daquele que a ama, nasce dessa incoerência entre os tipos de escolha objetual.

No tocante à escolha do objeto, a identidade é narcísica, na medida em que simboliza o próprio sujeito, o que foi, o que almejaria ser, ou até parte dele (como no caso de uma

criança). O amor objetal, dito completo, poderia existir em mulheres narcisistas na condição de grávidas, quando o contato com um objeto estranho, mas pertencente ao seu próprio corpo coloca a possibilidade de investimento de amor objetal completo. A outra única forma de existência do amor objetal seria a de a mulher manter a posição masculina que apresentou em seu desenvolvimento sexual.

Os conceitos que assumem um lugar fundamental no que expressa a estrutura da mente, de “ideal do ego” e o cerne do que mais tarde Freud denominará “superego” (chamado então de “agente de censura”) são também desenvolvidos nesse artigo.

O ego se desenvolve a partir de um afastamento do narcisismo primário, a libido se dirige a um ideal do ego imposto a ele, e a satisfação se dá frente a realização desse ideal. Nessa relação de satisfação da libido objetal, surge a onipotência diante da realização do ideal do ego.

Mannoni (1994, p.156), ao comentar o momento da criação teórica de Freud em relação ao narcisismo, coloca:

“É impossível não se impressionar com o modo como Freud trata os investimentos de libido que o ego recebe: ele os soma, seja qual for sua origem. O amor que vem de outrem se acrescenta ao amor de si mesmo; de fato, não estamos no registro das pulsões, mas no das fantasias e do desejo, e o próprio estatuto da libido, fundamental, não fica perfeitamente nítido aí”.

A diferença sexual e suas implicações no desenvolvimento infantil

Desde a publicação de “Três Ensaio para uma Teoria Sexual”, Freud constata que as crianças criam teorias para compreender a sexualidade e percebe que as crianças de ambos os sexos imaginam que todos possuem, ou devam possuir, o pênis e desconhecem a existência da vagina. Esse momento da teoria freudiana parece estar pautado em um grande valor agregado ao caráter visual.

Dessa forma, o desenvolvimento da sexualidade se dá apoiada na primazia do falo, considerando que, posteriormente, a falta do pênis será deslocada para qualquer tipo de perda que gere a vivência de castração para a criança. Momento em que o pênis é somente uma das representações possíveis do falo.

Em 1908, com a publicação de “Sobre as Teorias sexuais das Crianças”, o autor já faz menção aos postulados que permeiam sua construção da sexualidade dos sujeitos. Aparecem

ali, o valor concedido ao pênis pelas crianças de ambos os sexos, as consequências dessa descoberta em quem não o possui, o aparecimento da inveja do pênis pelas meninas e, nos meninos, a negação em perceber que a mãe e conseqüentemente as mulheres não possuem o pênis e as implicações desse fenômeno na homossexualidade masculina. Também, segundo nota do editor, é a primeira vez em que o “Complexo de Castração” é mencionado de forma mais explícita e desenvolvida.

Esse artigo foi escrito logo após a análise do caso do “Pequeno Hans”, o qual aparece nos exemplos fornecidos em relação às fantasias infantis. Freud (1908, p.191), entretanto acentua o fato de que considera que “As pressões da educação e a variável intensidade do instinto sexual certamente permitem grandes variações individuais no comportamento sexual das crianças...”, fato importante que demarca as diferenças individuais das crianças e do desenvolvimento da sexualidade.

Entretanto, Freud deixa explícito que, por motivos circunstanciais, o material apresentado refere-se a uma análise aplicada principalmente ao caso do sexo masculino.

A capacidade de indagação e conseqüente curiosidade acerca da sexualidade, estão relacionadas aqui a um momento de perda, quando por volta dos dois anos, as crianças percebem-se tendo que dividir os pais com um irmão mais novo ou, caso isso não aconteça na sua própria família, o percebem em famílias próximas.

Diante de tal dilema que gera fortes sentimentos e questionamentos, surge a pergunta: “De onde vêm os bebês?”, ao que as crianças não recebem uma resposta dos adultos que possam associar ao que sentem intuitivamente e começam a desconfiar de que existe algo de proibido envolvendo a questão. Freud chama a esse processo de primeiro conflito psíquico, que tem a importante função de levar as crianças à formulação de algumas teorias que expliquem o enigma da procriação. O autor considera essas teorias falsas, porém agregam parte da verdade sobre as relações sexuais. Essa parte, que é considerada verdadeira, encontra-se assim caracterizada por ser gerada por componentes da sexualidade constitucionais da vida infantil, independem da sedução dos adultos ou de qualquer tipo de trauma. Nas palavras de Freud (1908, p.195):

“Não surge de um ato mental arbitrário ou de impressões casuais, mas das necessidades da constituição psicosexual da criança, motivo pelo qual podemos falar de teorias sexuais infantis típicas, e pelo qual encontramos as mesmas crenças errôneas em todas as crianças a cuja vida sexual temos acesso”.

Freud propõe então, três teorias criadas pelas crianças para responder ao enigma da procriação:

A primeira se relaciona ao desconhecimento da diferença entre os sexos, o menino atribui a posse de um pênis às mulheres em equiparação ao seu próprio corpo.

Nessa teoria, Freud aponta a primazia fálica como constituinte de uma sexualidade normal e, ao mencionar a reação dos meninos diante da visão do órgão sexual feminino, revela a possibilidade de uma “negação” do fato de que a mulher não possui o pênis. Aqui se encontra o cerne do conceito de “desmentido”⁴, que será mais bem fundamentado no artigo “Fetichismo” de 1927.

No artigo mencionado, Freud associa o fenômeno do fetichismo à rejeição da diferença anatômica apresentada pelos meninos diante da visão do órgão sexual materno. Perante tal conflito, haveria a necessidade de se produzir uma defesa, o que gera uma divisão do ego do sujeito, fato que ocorre também na repressão.

O fetiche se coloca então, enquanto um substituto para o pênis, mas não qualquer pênis. O pênis em questão relaciona-se a uma representação da primeira infância e ao suposto pênis materno (crença que o menino não deseja abandonar e que provoca uma correlação com a própria castração).

Freud utiliza-se do termo rejeição, pois é o que melhor denomina o desejo da criança em manter essa informação negada, num processo primário do funcionamento mental. A rejeição é correlacionada a uma ideia, o que é diferenciado por Freud do afeto, esse segundo ligado à repressão.

O fetiche teria ainda a função de proteger o menino da homossexualidade. Ao se questionar sobre os motivos que, frente à angústia de castração, levam a três saídas: a homossexualidade, a criação do fetiche ou a superação da angústia; Freud procura explicar o que ocorreu nesse processo. Uma hipótese é a de que a última impressão, antes da visão decepcionante do órgão feminino, é a que fica retida enquanto fetiche, o que poderia explicar o fetiche por pés e roupas íntimas.

A questão da rejeição encontrada no fetichismo remete Freud à problemática da diferenciação entre a neurose e a psicose, uma vez que afirma que há uma divisão do ego em decorrência dessa rejeição. Em publicações anteriores⁵, o autor estabeleceu que na neurose, a função do ego, uma vez a serviço da realidade, seria reprimir um fragmento do id; já no caso

⁴ Termo ligado à percepção visual da diferença anatômica entre os sexos, que posteriormente se tornará o ponto principal da teoria das perversões.

⁵ “Neurose e Psicose” (1924) e “A Perda da Realidade na Neurose e na Psicose” (1924).

da psicose, o ego se deixaria conduzir pelo id afastando-se de parte da realidade. Porém, em uma alusão ao processo de rejeição que ocorre em uma parte da realidade, o que se percebe no fetichismo em relação ao pênis feminino, Freud percebe que há um funcionamento que se relaciona ao desejo (que rejeita) e outro que se liga à realidade (que aceita) e que podem coexistir lado a lado, sendo que o que difere no caso da psicose é a inexistência do funcionamento ligado à realidade. A castração pode ser observada aqui, na gênese dos mecanismos de defesa do ego. O fetichista nega a castração em uma instância, porém sabe que ela existe em outra.

Para acompanharmos o desencadeamento da teoria freudiana sobre a sexualidade, retornamos ao texto de 1908 pautado nas teorias sexuais infantis. Naquele momento, o fato de um sujeito se fixar à ideia de que a mulher possui um pênis, favorecerá o desenvolvimento da homossexualidade, uma vez que para tal sujeito, seu objeto sexual não poderá dispensar a presença de um pênis.

A ameaça de castração também é incorporada nesse momento, pelo confronto com a visão do órgão sexual feminino enquanto aquele que “não tem” o pênis. Os efeitos de tal ameaça acompanham a intensidade e o valor conferidos ao órgão.

Na mesma publicação já aparece menção ao fato de o clitóris ser considerado um pequeno pênis, pela disciplina da Anatomia, e que sua excitabilidade e manipulação conferem à menina um caráter masculino de sexualidade, algo que somente será revertido na puberdade, fase em que o deslocamento do prazer e sensações são transferidos para o orifício vaginal atribuindo o caráter feminino à sexualidade.

O fato de as meninas compartilharem do grande valor atribuído ao pênis pelos meninos resultaria em conseqüente inveja por parte delas. Essas colocações serão retomadas por Freud em textos posteriores sobre o desenvolvimento da sexualidade feminina e, segundo o autor, exercem grande influência na forma de se relacionar das mulheres.

A segunda teoria infantil resulta da primeira, o desconhecimento relacionado à vagina, seria responsável pela crença infantil de que os bebês são expelidos do corpo materno pelo ânus. A teoria cloacal conferiria também aos homens a capacidade de dar à luz uma criança e revela o erotismo anal apresentado nessa fase do desenvolvimento psíquico infantil.

Já a terceira teoria criada pelas crianças, relaciona-se a um caráter sádico conferido à relação sexual dos pais, e expressa a violência constitutiva da pulsão sexual, que pode se apresentar com maior ou menor intensidade, segundo as características da criança.

A primazia fálica possibilitada pelo complexo de castração é revista por Freud em “A Organização Genital Infantil”, publicada em 1923. Nesse período, Freud afirma que o que

aproxima a sexualidade infantil e a sexualidade adulta não se relaciona somente à escolha de um objeto. O interesse nos órgãos genitais está quase equiparado ao interesse presente na vida sexual adulta. O que difere na constituição final da maturidade relaciona-se à consideração do órgão genital masculino, levando em conta que o que está em foco na atividade adulta não é uma primazia dos órgãos genitais e sim a primazia do falo.

Diante da dificuldade de aceitação do órgão genital feminino, a castração se coloca enquanto uma possibilidade e acarreta algumas justificativas, como por exemplo, a culpa das mulheres, pois para terem sofrido tal castigo devem ter feito algo errado, como insistir na masturbação, por exemplo.

A mãe, que não estava incluída nessa categoria (a das mulheres culpadas), somente vai ter sua “perda do falo” reconhecida diante da descoberta de que somente as mulheres podem dar nascimento às crianças. Algumas teorias são fantasiadas pelas crianças para dar conta dessa troca do pênis pelo bebê.

Outra consequência do complexo de castração, relaciona-se a uma percepção, ainda pouco desenvolvida, da possibilidade de uma outra relação entre crianças e adultos, uma relação de violência e de dominação que perturba e modifica a realidade do psiquismo infantil.

Em concordância com a lógica do desenvolvimento sexual, os estágios atravessados em direção a sexualidade adulta partem da polaridade ativo e passivo (observada na fase da organização genital sádico-anal), passando pela polaridade castrado e não castrado (na qual somente se observa a existência da masculinidade, na organização genital infantil), até, finalmente, a polaridade feminino e masculino (alcançada na puberdade). Aqui são apresentadas as características da masculinidade (sujeito, atividade e posse do pênis) e da feminilidade (objeto e passividade).

Nas publicações de Freud mencionadas, o complexo de castração ganha lugar fundamental, pois é associado ao Complexo de Édipo, e se torna o grande referencial que possibilita as escolhas objetais e as identificações que vão dar margem à identidade psíquica do sujeito.

De acordo com Mezan (2001), o caráter bissexual presente desde a infância, afirmado por Freud, interfere na situação edípica em dois pontos: o constitucional, no qual as tendências masculinas e femininas se equiparam, ou uma delas se sobressai; e no resultado do Complexo de Édipo, agregando a identificação e escolha de objeto dirigida a ambos os progenitores, revelando a característica ambivalente das identificações. Essa característica ambivalente

provém da pulsão de vida – manifesta na relação com o outro – e também da pulsão de morte – manifesta pela repetição, e que incorpora o objeto.

A importância do Complexo de Édipo fica expressa na constituição da sexualidade e também na “escolha” subjetiva pela estrutura psíquica do sujeito. Sua função de “complexo nuclear das neuroses” deve-se a sua estreita vinculação com a identificação – envolvendo o ego – e com a escolha objetal – envolvendo id e pulsão.

Em “A Dissolução do Complexo de Édipo” (1924) Freud coloca a importância do Complexo de Édipo e as diferentes repercussões desse acontecimento na vida psíquica do menino e da menina.

A primeira distinção feita relaciona-se ao fato de que o Complexo de Édipo é encerrado no menino a partir do temor da castração, enquanto na menina o Complexo de Édipo é possibilitado pela fantasia de castração.

Na verdade, a possibilidade da castração somente se efetiva diante da percepção de que existem seres que não possuem o pênis. Nesse momento a analogia entre pênis e falo se torna possível, conferindo ao falo a representação de algo que falta e que é constituinte de todo sujeito, do sexo masculino ou feminino.

O fim do Complexo de Édipo é denominado “dissolução” em oposição à “repressão”. Freud, tendo clareza da sutileza que separa o funcionamento psíquico normal do patológico, propõe que o Complexo de Édipo deve ser dissolvido por completo e não reprimido, pois se houvesse somente a sua repressão, seus conteúdos permaneceriam no inconsciente podendo retornar a qualquer momento e apresentar um caráter patogênico ao funcionamento mental.

Ao especificar o funcionamento do desenvolvimento sexual no menino, Freud identifica a vinculação entre a organização fálica, o Complexo de Édipo, a ameaça de castração, a formação do superego e, na sequência, o período de latência, na qual o investimento nos progenitores é dessexualizado e marcado então pelas identificações. Porém, mesmo que o Complexo de Édipo, a formação do superego e o período de latência sejam observados nas meninas, surge a questão da viabilidade de uma organização fálica e um complexo de castração como no caso do menino.

Para Freud, o complexo de castração existe também na menina, mas manifesta-se de outra maneira, uma vez que para as meninas a não existência do pênis é um fato e não uma ameaça. O que resulta da constatação dessa “inferioridade anatômica” é a inveja do pênis do menino e a falta de um mesmo motivo para a formação do superego (que no menino resultou da ameaça da castração). No caso da menina, parece a Freud que o motivo que leva à formação do superego relaciona-se muito mais a pressões externas, como por exemplo, a

perda de amor dos pais. Na busca de compensação por essa inferioridade, a menina se posiciona em uma equação simbólica na qual substitui o pênis pelo bebê, que poderia ser-lhe dado pelo pai. Frente essa impossibilidade de realização do desejo, o Complexo de Édipo é abandonado aos poucos. Nesse momento, Freud afirma que o Complexo de Édipo da menina se dá de forma mais simples do que no menino, algo que será reformulado mais adiante.

Já em “Algumas Consequências Psíquicas da Distinção Anatômica entre os Sexos” (1925), Freud dedica-se a uma análise mais apurada da fase pré-edípica das crianças de ambos os sexos, e ressalta a diferença no que diz respeito à relação da menina com sua mãe. O autor chega a um período no qual não se satisfaz mais com a analogia que estabelecia entre o desenvolvimento sexual de meninos e meninas.

Um dado importante refere-se ao fato de que na fase pré-edípica, mesmo na posição passiva, Freud não observou, no caso dos meninos, a existência de rivalidade com a mãe em contraposição ao afeto dirigido ao pai. No caso das meninas, reconhece também que o primeiro objeto de amor delas é a mãe.

Afirma que no caso do menino, o Complexo de Édipo (e conseqüentemente a fase fálica) termina graças ao complexo de castração, durante o qual o interesse narcísico do menino pelos próprios genitais obriga o menino a abrir mão do interesse pela mãe e repúdio pelo pai, porém, mesmo no caso dos meninos, o Complexo de Édipo apresenta uma dupla direção: uma ativa e outra passiva, causada pela constituição bissexual constituinte do ser humano. No caso, o menino também desejaria assumir o lugar da mãe em sua relação de objeto de amor do pai, o que confere a ele uma atitude feminina.

Uma grande importância concedida a essa publicação, encontra-se no fato de dedicar-se a uma análise mais aprofundada de questões da sexualidade feminina. Colocada a diferença psíquica causada pelo complexo de castração, à menina, resta-lhe sentir inveja do pênis e ao se apegar a essa inveja desenvolve um complexo de masculinidade, que somente se reverterá em casos de normalidade, na puberdade. O complexo de masculinidade pode se ramificar e resultar em um apego à referida inveja, causando atitudes masculinizadas até uma fase mais avançada da vida, o que caracterizaria um funcionamento psíquico patológico, ou pode resultar em uma rejeição do fato de não possuir pênis, o que no adulto pode configurar um quadro psicótico.

É percebido, nesse momento, que a inveja do pênis acarreta várias consequências para a menina: atitudes masculinas, ciúmes, um comprometimento na relação de afeto que dirigia à mãe e a necessidade de cessar a masturbação clitoridiana, causada por um sentimento de humilhação ligada à comparação dos seus genitais aos do menino. O fato de cessar a

masturbação clitoridiana (que marca um caráter masculino para a sexualidade da menina) abre caminho para a sexualidade feminina na qual o prazer sexual se dirige à vagina, configurando um deslocamento da região erógena. Nesse percurso, a libido da menina também se desloca na equação pênis-criança, adequando o pai enquanto provedor e objeto de amor, o que leva ao ciúme da mãe.

Freud percebe que esse amor da menina pelo pai pode também provocar uma identificação com ele. O Complexo de Édipo, no caso das meninas, configura uma formação secundária que tem intuito certo: inibir a masculinidade e favorecer o caminho para a feminilidade.

É reafirmada por Freud, a importância do Complexo de Édipo no desenvolvimento psicosssexual. Ele culmina com a formação do superego, perpetuando a proibição do incesto, constituindo a moralidade e marcando a prevalência da raça humana sobre o indivíduo.

Ao discorrer sobre a diferença da formação do superego para homens e mulheres, Freud (1925, p.286) se refere à dimensão ética e diferencia as características masculina e feminina. Afirma que a maioria dos homens:

“...também está muito aquém do ideal masculino e que todos os indivíduos humanos, em resultado de sua disposição bissexual e da herança cruzada, combinam em si características tanto masculinas quanto femininas, de maneira que a masculinidade e a feminilidade puras permanecem sendo construções teóricas de conteúdo incerto”.

Já em “O Problema Econômico do Masoquismo” (1924), Freud classifica três manifestações do masoquismo: o masoquismo erógeno equivalente a um modo de excitação sexual, o masoquismo feminino que expressa a natureza feminina, e o masoquismo moral que expressa a norma de funcionamento gerenciada pelo superego. O masoquismo erógeno, que está ligado ao prazer no sofrimento, está presente também na constituição das outras duas manifestações do masoquismo.

O masoquismo feminino, baseado diretamente no masoquismo erógeno, é observado nas fantasias presentes no funcionamento que se reporta a uma posição do indivíduo equivalente à posição feminina (ser castrado, copulado e dar à luz uma criança), embora represente também um desejo do indivíduo de ser tratado como uma criança, uma criança culpada de algo que necessita de punição (sentimento de culpa que está ligado à masturbação infantil).

Freud inicia sua análise se questionando sobre o que afirmava até o momento em que se deparou com tal problemática na clínica psicanalítica. Se o objetivo dos processos mentais está na obtenção de prazer via um rebaixamento do nível de excitação (princípio de constância), o que explicaria o funcionamento inconsciente do masoquismo?

Para responder a tal questão, Freud recorre à relação do princípio do prazer com as duas modalidades de pulsão em jogo no processo: pulsão de vida e pulsão de morte.

A problemática que fornece o título ao referido artigo, traz um exame quanto à afirmação da quantidade de energia pulsional em questão. Freud percebe que não se trata de quantidade de energia e sim da qualidade uma vez que considera também a existência de um aumento de tensão considerado prazeroso (a excitação sexual, por exemplo) e também uma diminuição de tensão que pode ser sentido enquanto desprazeroso.

É proposta uma fusão entre as duas pulsões, de vida e de morte a qual resulta no fato de que o princípio de constância expressa a tendência da pulsão de morte, o princípio de prazer expressa as exigências da libido (pulsão de vida) e o princípio de realidade representa a presença da realidade externa. Essa afirmação mantém o princípio do prazer enquanto controlador da vida.

Em uma aproximação entre o masoquismo e o sadismo, o autor desenvolve a teoria de que no encontro entre a libido e a pulsão de morte, essa última busca dirigir o organismo a um estado de estabilidade inorgânica. A libido tem a função de neutralizar a pulsão de destruição, direcionando-a para o mundo externo, transformando-a em uma pulsão destrutiva, de poder. Uma parte dessa pulsão é deslocada à função sexual, transformando-se no sadismo e outra parte, que não é dirigida pra fora e que fica aprisionada no indivíduo, origina o masoquismo erógeno. Essa forma de masoquismo acompanha a libido em todas as fases de desenvolvimento posteriores e influencia seus revestimentos psíquicos.

Freud (1924, p.182) define a importância do masoquismo na organização da sexualidade humana no seguinte trecho:

“O medo de ser devorado pelo animal totêmico (o pai) origina-se da organização oral primitiva; o desejo de ser espancado pelo pai provém da fase anal-sádica que a segue; a castração, embora seja posteriormente rejeitada, ingressa no conteúdo das fantasias masoquistas como um precipitado do estágio ou organização fálica, e da organização genital final surgem, naturalmente, as situações de ser copulado e de dar nascimento, que são características da feminilidade”.

No que se direciona ao masoquismo, Freud atribui às funções das instâncias psíquicas id, ego e superego. Nessa dinâmica cabe ao ego intermediar as demandas do funcionamento psíquico e espelhar-se no superego, uma vez que esse representa tanto parte do id quanto a realidade externa. O superego, tendo se formado a partir de uma superação do Complexo de Édipo, originou-se dos impulsos libidinais do id dirigido aos genitores que pôde ser dessexualizada. Daí a característica do superego em uma equivalência com as características das pessoas introjetadas, sua capacidade de julgamento e punição. A desusão da pulsão, que ocorre durante o processo de introdução no ego, pode aumentar a rigidez contra ele.

Nesse artigo, Freud realça o fato de que o Complexo de Édipo é a origem da moralidade e do senso ético e que as imagos parentais são substituídas por personagens de um âmbito social mais abrangente: autoridades e professores, por exemplo.

No caso do masoquismo moral, o ego requer punição tanto do superego quanto dos poderes parentais externos, provocando um retrocesso no processo de dessexualização do Complexo de Édipo. Retorna-se da moralidade para o Complexo de Édipo, uma vez que se percebe que o desejo de ser agredido pelo pai aproxima-se do desejo de ter uma relação passiva, portanto feminina, com ele.

A sexualidade feminina, a feminilidade e a maternidade

A partir de 1920, os artigos de Freud passam a retratar o Complexo de Édipo localizado na primeira infância. Desse momento em diante, o desenvolvimento sexual da menina e do menino deixam de ser simétricos e passam a ter características distintas favorecidas pelo complexo de castração.

Freud passa a se indagar sobre como se dá o Complexo de Édipo na menina. Esta deve não somente abandonar seu objeto de amor (a mãe), modificar a região corpórea que lhe permite sentir prazer sexual (trocar o clitóris pela vagina), como também mudar de posição (passar de uma posição ativa para a posição passiva).

Em “Sexualidade Feminina”, o autor atribui grande importância ao fato de que existe na menina também uma forte ligação erótica à sua mãe na fase pré-edípica. Essa relação vai marcar o psiquismo feminino por todo o seu desenvolvimento sexual posterior assim como suas relações afetivas.

A fase pré-edípica na menina passa a ser reconhecida como de grande importância no seu desenvolvimento, marcando implicações na etiologia da histeria e também na paranóia

apresentada pelas mulheres, o que se explicaria pela grande hostilidade desenvolvida na infância em relação à mãe. O Complexo de Édipo, que marcava a escolha subjetiva do sujeito por determinadas patologias, passa a ser reavaliado nessa questão, no caso da menina.

A feminilidade, para Freud, se configura no desenrolar de um processo que demanda grande trabalho psíquico para a menina e que, como mencionado anteriormente, se inicia com os efeitos do complexo de castração. Ao constatar, a partir da visão do órgão sexual masculino, que não possui pênis, a menina experimentaria uma grande inveja e também um forte complexo de inferioridade.

A inveja do pênis é um pressuposto conceitual de Freud que gerou, e ainda gera, grande polêmica. O conceito de desmentido permite a compreensão do fenômeno da diferença sexual, não mais importa “ver” ou “não ver” a diferença, o que resta é não saber sobre. Tal assertiva coloca o complexo de masculinidade como uma fase na construção da sexualidade feminina e não somente como uma vertente da inveja do pênis, uma vez que é vista como parte de um processo constitutivo da sexualidade.

No nível da representação psíquica, o que se inscreve é a consequência da diferença que resulta no complexo de castração, porém, o mais importante é o uso que tanto o menino quanto a menina vão fazer dele.

Cabe reafirmar o processo de apreensão e o papel do falo na constituição do sujeito. O complexo de castração permite que a representação de uma perda se alie ao falo. O falo então, não simboliza o pênis em si, mas torna-se o representante psíquico de uma falta, o parâmetro da diferença sexual, pois não há um outro representante psíquico para o sexo feminino que proporcione uma relação simétrica entre o corpo feminino e o masculino.

Freud considera que só existe uma referência sexual possível para as crianças: a do pênis e, frente à angústia representada por sua ausência, a menina vai encontrar três saídas possíveis para seu desenvolvimento sexual. A primeira equivale a uma renúncia à vida erótica, não sendo possível conceber uma sexualidade que não se enquadre no contexto masculino, portanto ativo, não restando outra opção senão abandonar por completo a vida sexual. A segunda opção possível é a que se relaciona ao complexo de masculinidade em que, além de a menina não abandonar o prazer sentido no clitóris em favor da vagina, passa a se identificar com a mãe fálica. A terceira opção encontrada pela menina é a que Freud caracteriza como sendo a feminilidade propriamente dita. Além de abandonar a masturbação clitoridiana em favor da vagina, a menina se volta ao pai, favorecida por uma passividade e pelo desejo de obter dele um pênis (uma vez que sua mãe não pôde dá-lo). Esse desejo mais tarde se transformará no desejo de obter um filho do pai.

Percebe-se então que na teoria freudiana a maternidade encontra-se diretamente relacionada à feminilidade apresentando ainda uma ambiguidade nessa relação. Ao mesmo tempo em que a menina demanda a maternidade por meio do seu pai, termina por afastar-se de sua própria mãe sendo que assim precisa identificar-se com os ideais femininos dela. Como já mencionado anteriormente, o Complexo de Édipo se destina a favorecer a escolha objetal e as identificações, e como a menina também tem a mãe como primeiro objeto de investimento sexual, a separação desse objeto que gera um amor tão intenso nunca é feito completamente, provocando na mulher adulta uma relação de grande ambiguidade com a mãe.

A impossibilidade de satisfação do desejo reflete-se nessa relação de amor e ódio que a menina tem com sua mãe, sendo essa a que provê, mas que também recusa, gerando a ambiguidade característica do amor infantil, fenômeno que se observa tanto nos meninos quanto nas meninas.

Esses sentimentos ambivalentes em relação à mãe criam na menina uma crise que proporciona o abandono das expectativas e desejos em direção a ela. Tais desejos mencionados são desejos orais, anais e fálcos, e se caracterizam por uma atividade e também passividade que compõem a sexualidade infantil. A libido é sempre passiva no início, pois caracteriza a relação criança-mãe e torna-se ativa num segundo momento e, no caso da menina, diante do complexo de castração e entrada no Complexo de Édipo, torna-se passiva novamente.

Ao abandonar a masturbação clitoridiana, que explicita desejos ligados à mãe, a menina abandona também uma posição ativa, abrindo caminho para a passividade em sua relação com o pai. A menina coloca-se então em posição de receber (o pênis ou o filho). No seu processo de significação em relação à sexualidade, precisa desligar-se da mãe para ir ao encontro do pai e, diante do complexo de castração, passa a culpá-la por não ter lhe dado o órgão que é tão valorizado e que lhe daria um signo para sua sexualidade.

Para que a feminilidade seja alcançada, é necessário que haja um deslocamento do desejo de pênis para o desejo de um bebê do próprio pai. O bebê em questão ocuparia o lugar de “cicatrizador” da ferida narcísica que foi gerada no Complexo de Édipo, uma vez que a menina sente-se em desvantagem por não possuir pênis como o menino, cabe também a esse bebê a função de dirigir a escolha objetal da menina.

Como podemos observar na teoria freudiana, a criança não nasce provida de determinado sexo (disposição bissexual), e as meninas atravessam um intrincado caminho na tarefa de tornarem-se mulheres, no que dependem da presença marcante da própria mãe.

A construção da feminilidade impõe à menina o desafio de lidar com o falicismo enquanto se livra da passividade diante da mãe e retoma posteriormente essa passividade para não apegar-se ao complexo de masculinidade.

Ao colocar a reviravolta da escolha objetal sofrida e escolhida pela menina, Freud se refere a uma grande intensidade de amor que busca um objeto que o contenha e relaciona essa dinâmica à contenção de uma falta.

Assoun (1993, p.VIII) discorre sobre a problemática:

A menina se caracteriza por perguntar a si mesma a quem amar, e por encontrar um “continente” para esse amor que ela só pede para “encarnar” – ali onde ao menino, antes, designa-se o que ele ama a partir do que lhe é proibido desejar (donde seu “caso” ter sido mais rapidamente identificado por Freud, o que levou a crer numa pura e simples “masculinização” do Édipo). Ela se empenha, então, em “por em ordem” suas imagens parentais.

A passagem do amor da menina em direção ao pai possibilita a escolha de um objeto amoroso para uma disposição heterossexual e se encarrega da possibilidade do desenvolvimento desse desejo.

Ao retomar as questões sobre a feminilidade que intrigavam Freud, Assoun enfatiza a questão do afastamento da menina em relação à mãe, a quem ama com tanta intensidade. O autor se questiona, ainda, sobre a possibilidade de a maneira primordial do querer feminino estar relacionada a essa característica fusional da maternidade e se essa questão não está diretamente ligada à passagem desse querer primordial ao seu desejo. Porém, se o objeto de desejo do querer primordial da menina é indiscutivelmente a mãe, para desenvolver o desejo em relação ao pai é necessário que se faça o luto desse querer.

Acompanhamos ainda Assoun, que não se atém aos motivos enumerados por Freud para justificar o afastamento da menina de sua mãe (ciúmes de irmãos, desmame, ressentimento por não ter pênis, censura à masturbação) e se dirige a algo que chama de “estilo” da feminilidade, pois aqui não se trataria de uma mudança de objeto da mãe em relação ao pai, mas sim de uma problemática que tem foco no desligamento da menina de sua mãe. Assim sendo, o ponto a ser esclarecido diz respeito à criação de justificativas para esse afastamento do objeto de amor primordial por medo de submergir nesse amor tão intenso. Trata-se de um amor sem alvo, que não pode conceder a satisfação plena o que o torna dirigido à desilusão e à hostilidade.

Resumindo, uma mulher se faz mulher nesse processo de afastamento de uma mulher, e o pai ocupa lugar fundamental para fornecer outra opção à perfeição do amor materno. Freud identifica resquícios do amor materno não somente no amor direcionado ao pai, mas também no amor direcionado ao futuro esposo.

Ainda citamos Assoun (1993, p.106): “Assim, se é verdade que Freud identifica a relação com o falo como sendo o destino do desejo da mulher, é também verdade que ele detecta na mulher, além do desejo, aquilo que continua a resplandecer do grande querer primário-materno”.

Ressaltando o fato de a mulher apresentar maior necessidade de ser amada do que de amar, a mulher teria justificado seu lugar de objeto e não de sujeito, enquanto o homem encontraria em sua maneira de amar “o amor de objeto”, que se caracteriza por um empobrecimento da libido do eu em favor do objeto. Fato importante a ser considerado revela-se diante da maternidade, ocasião em que a mulher realiza o amor objetual sem abrir mão do narcisismo, o filho é parte de seu próprio corpo caracterizado como objeto exterior.

No que diz respeito à questão da mulher ligada à maternidade, Freud coloca que, frente ao nascimento do primeiro filho, presentifica-se a identificação à sua própria mãe e a interferência do fato do nascimento de uma menina ou menino confirma a sua teoria sobre a falta do pênis. A mãe somente obteria satisfação plena na maternidade no caso do nascimento de um menino.

O caráter social da mulher e da maternidade

Em “Feminilidade”, Freud descreve algumas características da maturidade feminina: a vaidade (relação narcísica mais intensa) que impõe à mulher maior necessidade de ser amada do que de amar e a influência da inveja sentida do homem pela posse do pênis, que faz com que valorize a aparência física. A vergonha também é mencionada como fator que teria relação com uma suposta deficiência genital, a relação com a justiça seria diferenciada dos homens também por influência da inveja. As mulheres são também consideradas menos capazes de produção intelectual e com menos capacidade para a sublimação das pulsões.

Freud apresenta um questionamento acerca da formação do superego feminino, pois no caso do menino, o que interfere na interdição do incesto está ligado à angústia de perda do pênis, o que não ocorre no caso das meninas, nas quais o complexo de Édipo se resolveria mais lentamente a partir do medo de perder o amor dos pais.

Entretanto, não se deve perder de vista o contexto social em que Freud trabalha suas descobertas teóricas, momento no qual as mulheres tinham pouca participação pública e ficavam restritas aos cuidados com a família e o lar. A própria psicanálise, com sua escuta diferenciada dos sintomas histéricos, foi responsável por um reconhecimento do sofrimento das mulheres em sua limitação sexual e social.

Sobre a inveja da mulher em relação ao pênis, Freud (1933, p.125) coloca:

“O desejo de ter o pênis tão almejado pode, apesar de tudo finalmente contribuir para os motivos que levam uma mulher à análise, e o que ela racionalmente pode esperar da análise – capacidade de exercer uma profissão intelectual, por exemplo – amiúde pode ser identificado como uma modificação sublimada desse desejo reprimido”.

Apesar de pautar-se na inveja do pênis como constituinte da sexualidade feminina, Freud reconhece a realização intelectual como uma possibilidade fálica da mulher, fato que poderia agir enquanto sublimação para seu desejo de ter um filho sem que a mulher abandone sua feminilidade. Tal afirmação abre a possibilidade de questionamento sobre a ambiguidade do próprio Freud em relação à feminilidade, uma vez que se faz presente nos textos uma alusão às limitações sociais impostas às mulheres na época.

De acordo com Prates (2001), a noção de inveja do pênis é também resultado de um impasse teórico de Freud entre sua construção sobre a bissexualidade humana e uma dificuldade em abandonar a fundamentação biológica. A autora coloca que uma outra possibilidade é a de encontrar tal inveja partindo dos efeitos do complexo de castração na mulher, admitindo que a feminilidade seja alcançada a partir de um deslocamento da suposição fálica da mãe para o pai e também do pênis para o bebê. Tal afirmação justifica a equiparação entre mãe e mulher encontrada na teoria freudiana, pois a feminilidade fica aprisionada em um circuito fálico.

Ao se questionar sobre as implicações da diferença sexual para o processo de análise, a referida autora coloca que diante do esquema: disposição bissexual – complexo de castração – consequência na mulher (inveja do pênis) – consequência no homem (angústia de castração), o resultado seria que para cada um dos sexos o que fica recalcado é a posição imposta ao sexo oposto: a passividade nos homens e a atividade nas mulheres. O retorno do recalcado se expressaria através da histeria e da neurose obsessiva.

A grande dificuldade no processo de análise seria, então, confrontar o homem com a angústia de castração e fazer a mulher abandonar a inveja do pênis.

Assoun (1983) propõe uma leitura do discurso psicanalítico iniciado por Freud sobre a questão da mulher na sociedade e a coloca enquanto sintoma da *Kultur* e também como depositária de seus sintomas. O autor demonstra em textos do próprio Freud uma associação entre a realidade vivida pelas mulheres e a fantasia que permite às mulheres um outro lugar, o de se colocar à serviço da representação do sintoma social.

O primeiro documento analisado por Assoun para nos remeter à concepção de Freud sobre o destino da mulher na “Kultur” é uma carta remetida à Martha, na época sua noiva. A referida carta tem a data de 1883 e o tema remete ao ensaio de Stuart Mill sobre “A emancipação das mulheres”. Apresenta-se aqui uma tentativa de Freud em influenciar e também informar, pois o autor apresenta um discurso pedagógico perante sua noiva.

Freud contesta a teoria de Mill de que o trabalho coloca-se enquanto uma forma exclusiva de emancipação para as mulheres. Ele mesmo não consegue conceber a idéia de ter sua esposa no mercado de trabalho, ressalta a importância dos afazeres da mulher no ambiente doméstico e acredita que a participação mais ativa da mulher no meio social favoreceria uma mudança em relação ao temperamento feminino. Acreditava, por exemplo, que o acesso à educação, se equiparada ao acesso masculino, faria com que as mulheres perdessem a doçura, a sensibilidade, algo muito valorizado pelo autor e pela sociedade enquanto atributo feminino.

Outro ponto relevante analisado por Assoun sobre as colocações de Freud na carta de 1883 leva à oposição sociedade/natureza em relação à oposição homem/mulher. Para Freud a natureza proveria a mulher de uma necessidade de proteção e doçura constitucionais. Essa concepção acerca do destino pulsional da mulher é também encontrada nos escritos posteriores do autor sobre a sexualidade feminina e a feminilidade.

O caráter conservador de Freud é explícito e, apesar de a referida carta ter sido escrita na mesma época em que Freud se dedicava ao estudo do caso de Anna O., o autor ainda não se fez valer de uma experiência analítica para pautar suas discordâncias em relação à emancipação das mulheres e seu lugar na sociedade.

Freud apresenta um discurso ambíguo em relação às mulheres, pois ao mesmo tempo em que reconhece o caráter social da opressão sofrida por elas e também seu papel no desenvolvimento dos sintomas histéricos, coloca seu desejo em favor de uma posição estabelecida para sua noiva, o que influencia sua visão sobre o destino das mulheres em geral.

A leitura de Assoun sobre o discurso de Freud traz para o foco uma reivindicação do autor de que a questão da mulher não podia ser avaliada somente por uma vertente racional e

social. Pautado nas colocações de Freud sobre o fato de que Mill defendia a emancipação feminina, porém em sua autobiografia não mencionava sua própria esposa, Assoun lança luz sobre o fato de que Freud percebeu uma contradição entre uma grande defesa da emancipação feminina e uma renegação da feminilidade, ambivalência característica do inconsciente.

Na publicação de Mill, o forte apelo social ligado ao destino da mulher impedia a expressão de uma singularidade do desejo do sujeito e era a esse caráter que Freud estava dedicando suas descobertas, apesar de sua visão conservadora do lugar reservado às mulheres na sociedade.

O fato de Freud acreditar que o lugar social e pulsional da mulher impedia qualquer possibilidade de evolução real apresenta-se para Assoun como um sintoma de Freud em sua relação com Marta. Freud reconhecia que a mulher era lesada em seus direitos, porém necessitava de um homem que a provesse de amor e proteção.

A conclusão tirada por Assoun sobre a relação de Freud com a emancipação social feminina aponta para duas vertentes: Freud reconhecia que a questão da mulher não se resolveria em seu caráter essencialmente social e, justamente pelo fato de não reduzir a mulher a esse destino, pôde percebê-la em sua condição desejante.

A histérica aparece então como expressão desse conflito entre o caráter unicamente social e o caráter unicamente natural⁶ da feminilidade, proporcionando a descoberta da clínica do desejo na psicanálise.

Ao tratar da questão da infelicidade real e da infelicidade simbólica, Assoun comenta as críticas dirigidas a Freud no que tange a um reconhecimento social da necessidade da emancipação da mulher. As manifestações de Freud sobre o reconhecimento de um sofrimento real da mulher aparecem em seus escritos não somente como comentários e nem como causador de sintomas. Essas colocações, para além de enriquecer o relato dos casos, possibilitaram um outro discurso sobre o lugar e também a função da mulher na “*Kultur*”.

Freud se aproxima do sofrimento das históricas por meio do sintoma e ressalta a relação entre a realidade objetiva das mulheres e o sofrimento psíquico advindo daquela situação social, mas dá um passo além quando destaca a importância na forma como a mulher reage a esse conflito entre o seu destino social e seu desejo de libertação. O que interessava realmente era a forma pela qual o desejo de suas pacientes se expressava naquele contexto o qual as mulheres eram submetidas. Freud pôde ler a histeria como expressão de um protesto do inconsciente.

⁶ A feminilidade em relação à natureza, numa contraposição entre natureza e cultura.

Assoun (1983, 152) coloca sobre Freud:

O que lhe interessava do real era o que se prestava à programação do desejo: aquilo com que a mulher “tinha que se haver” revelava-se especialmente deplorável – condenada a entrar no desejo apenas através da união com o homem, ela lhe devia até mesmo a propriedade de sua angústia! Quando se sentia frustrada, o essencial de sua alienação social já fora decidido, uma vez que era seu ingresso no casamento que a condenava a ligar ao homem sua economia do gozo. Mas era nesse ponto que ela começava a protestar, por meio de seu inconsciente: e era aí, de fato, que Freud a esperava em seu consultório!”.

Na clínica, Freud reconhecia uma posição imposta às mulheres (submissão, abandono e agressão) a qual respondiam com o que Assoun chama de sintoma criativo – a histeria. O desejo de reivindicação e de libertação era recalçado e tinha um destino apropriado no círculo social, só encontrava expressão no sintoma histérico.

Na medida em que as histéricas transformavam-se no sintoma da família, refletindo relações falsas no ambiente familiar, tal movimento estende-se ao contexto social tornando também a histeria uma reprodução da organização social o que, segundo Assoun, define um lugar para a histeria de assumir essa dinâmica a tal ponto de compor o ingrediente que regula a patologia social.

Sobre essa função das histéricas, Assoun (1983, 155) comenta:

“... com isso, elas se identificam com a infelicidade, ou até a erotizam, ao mesmo tempo em que descarregam nela o sofrimento de seu sintoma, essa coisinha que estraga o cenário e atesta que isso não funciona, e que não se pode escondê-lo!

Outro artigo de Freud que compõe a análise de Assoun é “Moral Sexual Civilizada e Doença Moderna” (1908), essa é uma das primeiras publicações de Freud sobre a oposição entre a vida instintual e a civilização. Nele, Freud faz referência a autores que vinham discutindo a influência da vida moderna, com o avanço da tecnologia e do estresse causados pela grande participação das pessoas na vida pública e econômica enquanto causa das doenças nervosas observadas na época. Freud, porém, introduz na discussão o fato de considerar a repressão da vida sexual necessária à formação e manutenção da vida civilizada enquanto elemento etiológico das doenças nervosas.

No texto mencionado coloca a repressão sexual enquanto responsável pelas neuroses e psiconeuroses, algo que vinha acompanhando em sua clínica, e faz referência a um outro conceito fundamental para o discurso psicanalítico, a sublimação. Sobre a função do instinto sexual no funcionamento psíquico, o autor afirma:

Esse instinto coloca à disposição da atividade civilizada uma extraordinária quantidade de energia, em virtude de uma singular e marcante característica: sua capacidade de deslocar seus objetivos sem restringir consideravelmente a sua intensidade. A essa capacidade de trocar seu objetivo sexual original por outro, não mais sexual, mas psiquicamente relacionado com o primeiro, chama-se capacidade de sublimação. ” (p. 174)

Freud afirma ainda que grande parte da energia vinda dos instintos sexuais, utilizada nas produções culturais, foi obtida pela anulação de elementos pervertidos, componentes da sexualidade. Tal processo teria se construído na passagem do momento de autoerotismo para o amor objetal, fase em que as zonas erógenas passam a ser subordinadas pela função dos genitais, que servem à capacidade reprodutora.

A questão da moral sexual civilizada, na época, é introduzida a partir de um questionamento acerca da legitimidade da liberação do instinto sexual pela reprodução no casamento. Freud diferencia três estádios da civilização relacionados à evolução do instinto sexual: no primeiro não se considera a reprodução e o instinto sexual tem total liberdade de expressão, no segundo anula-se todo o instinto sexual a não ser quando este se dirige à função reprodutora e um terceiro que considera somente a reprodução legítima (no casamento) enquanto possibilidade de expressão da sexualidade.

No confronto entre os impulsos sexuais e o processo civilizado, cada sujeito apresenta um grau de capacidade de sublimação desses instintos e, de acordo com Freud, no referido texto, uma deficiência no desenvolvimento da sexualidade na passagem do autoerotismo para o amor objetal resulta em dois tipos distintos de desvio: os perversos e os homossexuais. Ao partir desse exemplo, o autor problematiza que o grande dispêndio de energia a qual tais sujeitos se obrigam frente sua relação com a moralidade sexual, resulta em uma falta para a atividade cultural.

Ainda sobre a participação da repressão sexual nas neuroses, Freud (1908, p.179) afirma: “A meu ver, a satisfação sexual é a melhor proteção contra a ameaça que as disposições inatas anormais ou distúrbios do desenvolvimento constituem para uma vida sexual normal”.

Para Freud, na época desse artigo, o aumento das doenças nervosas tem relação direta com as restrições à vida instintual impostas pela vida civilizada.

Ao se ater ao terceiro estágio da evolução do instinto sexual, Freud dedica-se à análise da função do casamento na economia sexual dos sujeitos e focaliza suas colocações na posição da mulher diante da educação repressora da época. Questiona a renúncia dirigida à sexualidade antes do casamento e as consequências desta, tanto na ordem psíquica quanto na participação cultural e inclui considerações acerca da influência dessa experiência para a vida psíquica. Para Freud a maioria dos indivíduos não possui a capacidade de sublimação dos instintos sexuais, apresentando como consequência a fuga para a neurose.

Em relação ao tema que nos interessa no presente artigo, a posição da mulher nesse contexto, Freud pergunta-se sobre a capacidade que o casamento legítimo possui de oferecer a total compensação sexual frente à abstinência imposta antes do mesmo. Ao que responde assertivamente que o casamento é um grande engano, enumerando as condições de desgaste das relações amorosas no casamento causadas pela preocupação com a contracepção, perda da ilusão ligada ao prazer sexual e as expectativas do casal. Freud considera o casamento um grande fracasso no que diz respeito a uma compensação imposta pela moral sexual civilizada, fracasso no que se relaciona à renúncia da sexualidade que o precede e também em seu próprio funcionamento.

No texto, Freud explicita uma moral sexual “dupla” que permite somente ao homem ter relações extraconjugais e julga que uma sociedade pautada em tais parâmetros desacredita de seus próprios preceitos.

No que diz respeito às mulheres, Freud as qualifica de verdadeiros “instrumentos dos interesses sexuais” da humanidade e conclui que sofrem com frequência com as neuroses causadas pela desilusão no casamento, por possuírem menor capacidade para o dom da sublimação.

A mulher expressaria a grande ambivalência da função sexual na cultura, portando a função de mantenedora dos interesses sexuais e também tendo sua sexualidade reprimida mais rigorosamente.

Na opinião de Assoun, Freud coloca a sublimação como um dom das mulheres, uma vez que a sociedade não encorajaria e até reprimia o interesse delas em algo que não se relacionasse com a capacidade reprodutiva e sua função sexual. A mulher se posiciona no pólo pulsional da cultura, administrando seus interesses.

Sobre a relação da mulher com o casamento, Assoun (1983, p.180) afirma:

Nas presentes condições culturais, o casamento há muito deixou de ser uma panacéia para os distúrbios nervosos femininos; embora nós médicos ainda aconselhemos o casamento em tais casos, sabemos que, ao contrário, uma jovem precisa ser muito mais saudável para tolerá-lo, e enfaticamente aconselhamos nossos pacientes masculinos a não se casarem com moças que antes do casamento já sofriam de doenças nervosas. Ao contrário, a cura das doenças nervosas decorrentes do casamento estaria na infidelidade conjugal ...”.

Freud, ao fazer um contraponto entre os ganhos e as perdas advindos da supressão dos instintos sexuais para o desenvolvimento cultural e social, admite que, em relação à saúde psíquica, existam mais perdas do que ganhos.

Ainda sobre as restrições impostas à sexualidade das mulheres antes do casamento, Freud afirma que as meninas são privadas do conhecimento acerca da sexualidade e, mais tarde, no casamento, não se encontram capazes de se apaixonarem e corresponderem ao desejo do homem. De acordo com suas observações, tal situação produz a frigidez feminina. Freud classifica essas mulheres de “anestesiadas”, considerando que a preparação para o casamento acaba tornando-se a grande responsável pelo seu malogro. Diante dessa situação, só restariam às mulheres três saídas: a convivência com a insatisfação do desejo, a infidelidade no casamento ou a neurose.

Sob a afirmação de que o comportamento sexual dos indivíduos constitui o protótipo de suas relações perante outras áreas da vida, Freud ilustra sua afirmação com o caso das mulheres. O autor traça uma relação entre o desenvolvimento intelectual das mulheres e a intervenção da educação em sua curiosidade sobre a sexualidade. A referida interdição causaria a inibição de qualquer forma de pensamento, o que levaria a uma desvalorização do conhecimento em geral. A inferioridade intelectual das mulheres estaria então, ligada a uma maior supressão dos impulsos sexuais, em relação ao caso dos homens.

Na crítica de Assoun, esse fato é ressaltado como uma grande consideração de Freud com as mulheres, uma vez que seria capaz de reconhecer a difícil posição em que a menina se encontrava na tarefa de tornar-se mulher.

Assoun, ao analisar o texto de Freud, situa a mulher enquanto um sintoma. Sintoma de um preconceito que a moral civilizada alimenta em relação ao desejo dos indivíduos.

O autor sublinha a necessidade de uma análise dos escritos de Freud no sentido de questionar o que proporcionou à mulher a vocação para dar corpo à expressão do nervosismo moderno. Freud percebia no corpo da histérica um anunciador do destino cultural e, com o texto de 1908, recoloca a histeria no espaço da cultura.

A tese freudiana sobre a mulher, conflito entre a pulsão sexual e a proibição cultural apoiada na renúncia dos instintos sexuais, surge no texto e acompanha seus escritos acerca do assunto por toda a sua obra.

De acordo com Assoun (1983, p.157), naquele momento do pensamento de Freud, a questão da diferença sexual não representou muito além de comprovar sua teoria de que a neurose colocava-se como negativo da perversão, “tendo a mulher mais vocação para funcionar, conseqüentemente, como negativo neurótico da perversão de seu duplo masculino”. A mulher representava a resposta ao sintoma do homem, a irmã neurótica do irmão perverso.

Freud teria se dedicado mais diretamente a uma análise do terceiro estágio da evolução da sexualidade por compreender que a partir da legitimação da reprodução no contexto do casamento, a mulher encontra seu lugar social e, nesse propósito, expõe sua teoria da feminilidade na cultura.

Assoun exalta a relação de Freud com as mulheres e deixa explícita a grande influência dessa situação na teoria. Ele teria se permitido falar da mulher a partir de sua própria experiência.

Nas palavras de Assoun, o referido texto de Freud constitui um marco sobre a temática da feminilidade. O autor levanta a problemática da necessidade de uma correta leitura sobre a sexualidade feminina e sobre a feminilidade, causa das frequentes críticas sobre uma incapacidade de Freud em reconhecer na mulher um ser social.

A feminilidade demarca um lugar de entrecruzamento entre o inconsciente e a cultura e a sexualidade feminina relaciona-se ao desejo das mulheres, sendo que o que interessa à psicanálise é a mulher em seu “ser” relacionado a todos os aspectos.

Na intenção de especificar a relação de Freud com a mulher, Assoun (1983, p.161). coloca:

Freud, deixando de lado a galanteria, ficou realmente dividido entre a necessidade de atingir a verdade da mulher através de seu ser sexual – necessidade a que conferiu pleno direito – e a arbitrariedade que percebeu em se implicar nesse discurso o ser da mulher.

Freud arcou com as consequências de sua escolha e dedicando-se à determinação sexual da feminilidade, posicionou-se sobre a situação da mulher na cultura e conformou-se com partes irredutíveis de seu discurso: a impossibilidade de explicar a mulher.

Uma outra saída para a feminilidade...

Freud teria determinado para a mulher um ressentimento vitalício quando definiu que a Feminilidade está intimamente relacionada a uma compensação da inveja do pênis através da maternidade?

Recorremos a um texto de Freud, pouco mencionado pelos autores que escrevem sobre a Feminilidade e a Sexualidade Feminina, para contrapor algumas colocações sobre o desejo da mulher por um filho.

Em “Transformações do Instinto Exemplificadas no Erotismo Anal” (1917) Freud ao definir as correlações entre fezes, pênis e bebê, concede à mulher uma relação objetal diferenciada daquela que vai trabalhar em textos posteriores.

Apesar de considerar que há inveja do pênis na mulher neurótica, o autor considera que encontrou em outras mulheres, o desejo pelo bebê e que ainda em outras observou que o desejo entre os dois objetos, estava presente na infância. Diante de tal constatação, Freud equipara os dois desejos como fundamentalmente idênticos.

No caso de a mulher adulta não sofrer de neurose, o desejo infantil pelo pênis transforma-se em desejo por um homem, tornando o homem um suplemento do pênis. Haveria uma correlação entre o desejo pelo bebê, o pênis e o homem pelo fato de a mulher perceber que não há possibilidade de ter um bebê sem a “cooperação” do homem.

De acordo com Freud (1917, p.138) :

Contudo, é mais provável que o desejo por um homem nasça independente do desejo por um bebê, e que quando esse desejo desperta – por motivos compreensíveis, que pertencem inteiramente à psicologia do ego – o desejo original de um pênis liga-se a ele, como um reforço libidinal consciente. A importância do processo descrito jaz no fato de que uma parte da masculinidade narcísica da jovem mulher transmuta-se, assim, em feminilidade, e desse modo não pode mais operar de maneira prejudicial à função sexual feminina.

A saída do desejo direcionado ao homem, nesse artigo, possibilita a organização das diferenças sexuais incluindo o falo como parâmetro da diferença, o que também denunciaria a percepção de Freud acerca da distinção entre pênis e falo.

Ao buscarmos referências na obra freudiana que nos indique o caminho construído pela mulher em direção à sexualidade adulta, nos deparamos com a necessidade de diferenciar o tema da maternidade do tema da gravidez. O caminho descrito por Freud como aquele que conduz à feminilidade, único que confere à mulher uma saída normatizada, coloca-nos frente ao questionamento: O desejo de engravidar é o mesmo desejo de ser mãe?

Na medida em que a teoria direciona à questão do “ter” um filho como quem “tem” um falo, de fato, a única saída para as mulheres-mães é uma saída narcísica, que busca reparar o pênis tão almejado e negado pela mãe, porém a maternidade em si coloca a mulher em um outro patamar. Diante do parto e da separação concreta (corporal) do filho, concordamos com Labaki (2008) quando esta discorre sobre um esforço de separação, de diferenciação e perda narcísica que se impõe à mãe.

As conclusões freudianas que relacionam a inveja desenvolvida na menina pelo fato de não possuir um pênis à substituição desse desejo por um filho dado pelo próprio pai, conduzem-nos à questão da equivalência pênis-falo. Esse, enquanto representante de uma falta, pode assumir qualquer significante que tenha valor para a mulher. Como mencionado anteriormente, o pênis converte-se em falo pelo caráter narcísico que diferencia e define a singularidade dos sujeitos.

Alguns questionamentos podem ser feitos ainda diante das afirmações de Freud a respeito da relação das mulheres com a maternidade: O desejo de engravidar poderia ser considerado patológico uma vez que está diretamente ligado à superação de uma vivência da falta? O filho poderia ser considerado um sintoma por estar associado à inveja do pênis?

Uma “armadilha” na qual se colocou o fundador da Psicanálise relaciona-se àquela que considera a diferenciação sexual a partir da diferença anatômica, pois apesar de não utilizar o termo falo, pode-se perceber em seus artigos, que Freud concebia a prevalência de um organizador da sexualidade que excedia a questão anatômica. O grande questionamento dessa construção teórica relaciona-se ao fato de o autor insistir em diferenciar o homem da mulher em termos de funcionamento psíquico, atribuindo à mulher a passividade e ao homem a atividade em uma mistura entre mulher/feminino e homem/masculino.

Um dos pontos mais criticados na teoria freudiana relaciona-se à sua concepção da feminilidade atrelada à maternidade, o que fica aparente a uma leitura concreta da questão é que o autor exalta a masculinidade em detrimento da feminilidade, porém a questão da

castração não se fixa na anatomia. A castração coloca-se enquanto uma ocasião propícia para a emergência da vivência subjetiva da falta que é constitutiva do sujeito. Em relação à diferença sexual anatômica, não é de fato a visão do órgão genital feminino que marca a criança, mas sim a ausência de um signo. Lembremo-nos de que a Psicanálise trabalha em um contexto simbólico e não concreto da sexualidade.

De acordo com Mezan (2001, p.287):

O Complexo de Édipo é a condição de constituição do sujeito humano, para além da simples relação afetiva com os pais e, portanto deve ser pensado em um outro nível; a recusa da denominação de “Complexo de Electra” para o Édipo feminino encontra nesta ordem de idéias sua plena significação...Não importa que o Édipo feminino não seja “dissolvido”, mas “lentamente abandonado”, ou que o desejo que o fez nascer perdue sob a forma da feminilidade, mediante um jogo de identificações radicalmente diferente daquele que dá origem à masculinidade; a natureza estruturante do complexo não se altera por isso, e a mulher é produzida como tal pela sua ação tanto quanto o homem”.

Tais questões favorecem uma leitura mais apropriada do feminino na clínica e conseqüentemente agrega uma possibilidade de questionamento social sobre o lugar do desejo, não somente da mulher, na sociedade.

2 – LACAN: a mulher, a feminilidade e a maternidade

Lacan propõe, em sua construção teórica, o que chama de “retorno a Freud”. Trata-se aqui de uma leitura e apreensão tanto clínica quanto teórica do inconsciente, considerando os processos psíquicos submetidos à esfera da linguagem e mantendo também a importância da relação transferencial no contexto analítico. Daí a afirmação de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem.

Dor (1989) nos lembra que desde o “Discurso de Roma” (1953), Lacan afirma a necessidade de não abandonar o alicerce da concepção psicanalítica colocado na função da palavra. Lacan reivindica o retorno ao que chama de a “Coisa freudiana”. Nesse momento, afirma a necessidade de os psicanalistas apreenderem a distinção entre significante e significado em suas práticas clínicas. Tal fundamento marca a reafirmação da dimensão simbólica, algo que sentia ameaçado no meio psicanalítico.

Lacan insiste na primazia do significante sobre o significado e se pauta na “Interpretação dos Sonhos” de Freud como seu alicerce, de onde vêm os conceitos de condensação e deslocamento, que na teoria lacaniana, fornecerão a base para a analogia entre o funcionamento dos processos inconscientes e o funcionamento de certos aspectos de linguagem, assumindo outra denominação, metáfora e metonímia, uma vez que aplicados à linguagem.

Enquanto Freud atribuía à formação psicanalítica a necessidade de conhecimentos da Filosofia, Lacan insiste não só na formação atrelada à Filosofia, mas também à Antropologia e à Lingüística. Aqui Ferdinand de Saussure assume lugar central com a concepção estrutural da linguagem.

Para introduzirmos a questão estrutural que se aplica à linguagem e à estruturação do sujeito, nos pautaremos em publicação de Palonsky (1997) ao trabalhar a concepção de estrutura histórica e colocar sua relação com a feminilidade. Afirma que, apesar de existirem homens históricos, a posição da mulher em relação ao falo favorece o surgimento da questão histórica.

A noção de estrutura refere-se a um conjunto de elementos que mantém uma relação entre si, porém a relação, a articulação e a posição dos elementos são mais importantes do que os próprios elementos. O que define o elemento são a importância e o lugar em referência aos outros elementos, sua posição é o que determinará seu valor.

A estrutura, porém possui regras. Na estrutura da linguagem, por exemplo, coloca-se a necessidade de uma ordenação das palavras, a relação entre os elementos deve ser mantida.

Ao reportarmos essas colocações ao sujeito, podemos perceber que ele também faz parte de uma estrutura. Por exemplo, o valor da palavra de uma pessoa depende do lugar que essa pessoa ocupa: o lugar do mestre ou do analista, por exemplo.

O que atribui importância ao fenômeno descrito é o fato de o ser humano já ocupar um lugar em uma estrutura antes mesmo de nascer. Esse lugar é definido em sua relação à família, à cultura. A essa estrutura, que determina o sujeito e que tem uma existência anterior e externa a ele, a psicanálise lacaniana atribui o nome de Outro (A). Tal estrutura pode, em alguns momentos, ser retratada por uma pessoa em particular, porém é importante considerar que se trata de uma posição, uma referência que delimita os parâmetros da vida do sujeito, marca sua identidade.

Um aspecto a ser ressaltado em relação à estrutura é que ela nunca é perfeita, sem falhas. A falha é constituinte da estrutura, não acontecendo por alguma contingência. A falha na estrutura denomina-se “castração” (com seu caráter simbólico já mencionado anteriormente).

Em relação ao que foi afirmado acerca da castração, o fato responsável pela concepção de falha da estrutura é a suposição da possibilidade de completude. No entanto, a estrutura apresenta-se como é, não lhe falta nada. Em relação à suposição de completude, chama-se “falo” o que completaria a estrutura.

O Outro, porém, em seu lugar de estrutura, evoca também uma castração; e o que se denomina estrutura clínica provém da maneira como o sujeito se posiciona frente à castração do Outro e à sua própria. As estruturas clínicas reconhecidas pela psicanálise lacaniana são: neurose, psicose e perversão. Na estrutura neurótica encontram-se ainda a histeria e a neurose obsessiva.

A constituição do sujeito é colocada como tal porque se acredita que o sujeito não nasce pronto, ele vai se constituir nesse lugar na estrutura. O ser humano no seu caminho para tornar-se sujeito passa pela fase em que é objeto, objeto do desejo de um Outro.

Ao nascer, o ser humano ocupa um lugar de falo da mãe. A mulher tem a ilusão de completude diante do nascimento do filho, ele tampona a falta representada pela estrutura. Tal ilusão de completude impede a dimensão do desejo, que somente se coloca quando há a falta. Nesse momento, não existe para o filho a possibilidade de desejo. Somente com a aparição da dimensão desejante da mãe é que se pode constituir o desejo do filho. A pergunta acerca do desejo da mãe aparece nesse momento e não encontra resposta, mas também nunca será deixada completamente.

O fato que tira a criança do lugar de falo da mãe é a reafirmação de que há uma falta nela e que a criança não é capaz de satisfazer. Uma vez saída do lugar de falo, a criança não

retorna mais e, por analogia, a criança que não saiu não mais conseguirá sair. Tal assertiva é de extrema importância para a clínica da psicose, pois a criança que não saiu desse lugar pode tornar-se psicótica uma vez que a estrutura psicótica relaciona-se a uma falha na separação da unidade mãe/filho, o que tem como consequência uma falha na estrutura do desejo.

Outro personagem importante na estruturação do sujeito é o pai, colocado aqui enquanto função paterna, ocupando o lugar de “desvio” do desejo da mãe. É a partir de um “não” que o pai provoca na ilusão de completude que engole mãe e filho que vai se configurar a possibilidade de emergência do desejo para o sujeito. Esse “não”, ou essa castração vinda do pai somente vai ter efeito se respeitada e valorizada pela mãe.

Toda essa dinâmica está atrelada à constituição do sujeito e do inconsciente, sendo que até esse ponto não é colocada a diferença entre os sexos. A questão de “ter” ou “não ter” o falo somente vai encontrar lugar a partir do momento de perda da condição de “ser” o falo da mãe, uma vez que se supõe que o falo é o que a mãe deseja. O processo que define a relação do sujeito com o falo vai se completar somente diante da constatação da diferença sexual.

Ao retomarmos a noção de estrutura, o referido processo localiza-se na importância da castração na constituição do sujeito neurótico. O recalque da constatação da castração do Outro e a de si mesmo é o que direciona o sujeito à neurose. A castração remete também à falta de um significante, fato que se relaciona com a mulher e a posição feminina. A falta do significante que determina a identidade feminina coloca o sujeito (homem e mulher) em confronto com a falta radical do Outro.

A castração traz consigo a vivência de angústia, fenômeno fundamental no processo. Diante da castração do Outro, o sujeito defende-se e sustenta a ilusão de um Outro não castrado. Ele sabe da castração. Caso não soubesse, apresentaria a estrutura psicótica. O movimento apresentado pelo neurótico então, para dar conta da angústia da castração constitucional do Outro, é trazer para si mesmo a castração, percebendo-se impotente diante das situações. O neurótico nega a castração do Outro enquanto estrutura, nega que a falha é inerente a ela. Esse mecanismo de recalque da castração do Outro é fundamental na histeria.

Relaciona-se aqui a questão colocada por Freud, anteriormente, de que a menina culpa a mãe pelo fato de nascer sem o pênis, o que é uma falha na estrutura, (dado que o corpo da mulher é diferente do corpo do homem) é deslocada para a falha de alguém, no caso a mãe ou a si própria como num estado anterior, de acordo com as fantasias infantis.

De acordo com o que se dirige ao tema de nosso interesse, e diante do impasse assumido por Freud em explicar a Feminilidade ou o que seria uma particularidade da Sexualidade feminina, seguimos com Lacan, que retoma da teoria freudiana a concepção de que o enigma

da feminilidade se coloca como tal porque não é um dado pré-definido, ao menos no que se relaciona ao inconsciente e suas representações. Para se tornar mulher, a menina segue um caminho no confronto com a falta de um significante que represente a feminilidade.

Podemos seguir com Lacan a partir da análise da fase pré-edípica da relação da menina com sua mãe, para compreendermos o processo que chega, por fim, à divisão do sujeito em sua relação com o significante fálico e demarca as posições da mulher e do homem na teoria lacaniana.

A menina e sua relação com a mãe

“Só existe uma maneira de desejar, qualquer que seja o sexo: aquela que emerge da relação à mãe” afirma Lacan em seu Seminário “As Formações do Inconsciente” e assim o cita André (1998) para colocar a importância de se considerar o desejo da mãe na constituição do desejo tanto para a menina quanto para o menino. Nos dois casos, a criança assume, num primeiro momento, o lugar de algo que vem tornar a mãe plena, tamponando a falta que causa o seu desejo. Nesse estágio, a criança ainda é concebida como parte do corpo de sua mãe, ainda não se distingue enquanto sujeito.

Colocam-se nesse período, dois lugares para a criança: a criança imaginária e a criança real, com as quais a mãe vai se relacionar tendo que abarcar o fato de que em seu desejo pelo filho, estando ele no lugar de objeto a, deve ser envolto em uma condição imaginária que favoreça que a mãe não o reconheça, mas que o suporte na posição de objeto. Essa condição da relação da mãe com a criança coloca-se como o acordo entre a libido objetual e libido do eu, mencionados por Freud em “Sobre o Narcisismo: Uma Introdução”, o objeto (criança) necessita estar envolto por uma imagem narcísica para que possa ser investido pela mãe.

Segundo André (1998, p.193) “Essa imagem já comporta por si mesma uma abertura para um mais-além do estatuto de objeto da mãe, pois é tributária de todas as faltas que guiaram a mãe em direção a tal ou qual traço de seu narcisismo”. Essa condição favorece o movimento de “revolta contra a passividade” no qual a criança vai poder situar uma referência para si mesma diante do desejo que a mãe dirige a ela.

Desenha-se então, nesse momento fundamental, uma relação triangular que liga a mãe enquanto Outro todo poderoso, a criança enquanto objeto real sujeita ao gozo materno, e a criança imaginária depositária do narcisismo materno (o que tamponaria a falta relativa à mãe).

Nesse movimento de se identificar à criança imaginária, a criança reconhece a falta da mãe, a qual se empenha em preencher e, por isso mesmo, acaba com a idéia de todo-poderio da mãe. Abre-se então, uma possibilidade de inserção da referência paterna como falta no desejo da mãe, o que atribui o caráter simbólico do falo que na relação entre criança e mãe era apenas imaginário.

Nesse ponto, situamos uma diferença em relação às meninas e os meninos. Tudo o que se significa para a menina nesse momento, encontra-se no registro fálico e deixa encoberto o que constitui a feminilidade, ocasionando conseqüências diversas para as meninas, como por exemplo, um profundo sentimento de insatisfação.

Tendo ainda como exemplo essa relação triangular: mãe, criança real e criança imaginária, André transpõe para ela, os conflitos que determinam a fase da relação pré-edipiana da menina com sua mãe. O que liga a mãe e a criança real é da ordem do registro pulsional, marca a disputa entre o sujeito e o Outro em relação ao objeto do gozo, como por exemplo, a dinâmica da alimentação com seus impasses. Entre a criança real e a criança imaginária, encontra-se o registro das identificações, por exemplo, a brincadeira com bonecas na qual a criança busca fixar a imagem materna e também a imagem dela mesma em correspondência à imagem da mãe. Já entre a mãe e a criança imaginária, coloca-se a problemática da castração, em parte determinada pelo desejo inconsciente da mãe e em parte determinada pela inveja do pênis, de acordo com o nível de aceitação da castração materna.

Todo esse processo resulta, no caso da menina, na problemática da identificação da menina à sua mãe. Segundo Lacan, a identificação imaginária somente se afirma como semelhança no sujeito se houver um traço simbólico no qual se apoiar. O “traço unário” apresenta-se como uma espécie de significante mínimo que o sujeito capta do Outro para amparar sua identidade. Neste caso, a mãe não oferece esse traço unário, pois o significante da identidade feminina não existe. A menina se confronta então, com essa falta essencial do Outro.

O que a mãe poderia fornecer enquanto traço simbólico da identificação é o falo, tanto no primeiro momento quando a criança acredita que ela o possui, quanto no segundo momento em que descobre a castração materna. Dessa forma, a falta materna em relação à filha pode ser definida como uma dupla falta: a falta do falo e também a falta do significante que define a identidade feminina. Tal assertiva delega ao complexo de castração da menina um forte sentimento de agressividade e decepção em relação à mãe.

Como mencionamos anteriormente, algo que permite a entrada no Complexo de Édipo se coloca como uma intervenção na relação mãe-criança, define a entrada do sujeito na ordem

simbólica e proporciona sua divisão, ocasionando a estruturação do inconsciente. Referimo-nos à metáfora paterna.

A metáfora paterna e a divisão do sujeito

A metáfora paterna se coloca como um processo que justifica a afirmativa do inconsciente estruturado como uma linguagem por seu caráter de facilitador da entrada do sujeito na ordem simbólica, esse por sua vez torna possível a divisão do sujeito. Toda essa ação relaciona-se à estruturação do sujeito definindo sua estrutura psíquica e também seu posicionamento na problemática fálica, momento da escolha sexual.

Julgamos oportuno retomar a importância da prevalência do falo na teoria freudiana para compreendermos a maneira como Lacan define sua função simbólica e imaginária, uma vez que uma leitura que exclua tais funções leva a uma concepção errônea da equivalência pênis-falo.

Em Lacan, a natureza do objeto fálico encontra-se na sua referência ao pai, na função que esta referência afeta a relação da criança com a mãe e da mãe com a criança, sendo que a castração aparece aqui com seu caráter simbólico, pois o pai se constitui enquanto terceiro na relação, justamente porque o falo lhe é atribuído enquanto significante.

As confusões relativas à concepção freudiana de falo talvez se coloquem pelo fato de que o autor menciona poucas vezes o termo falo, enquanto representante da falta do pênis. A construção imaginária feita pelas crianças fica subentendida no texto.

Lacan (1958, p.696) esclarece a função do falo na teoria freudiana:

Na doutrina freudiana, o falo não é uma fantasia, caso se deva entender por isso um efeito imaginário. Tampouco é, como tal, um objeto (parcial, interno, bom, mau etc.), na medida em que esse termo tende a prezar a realidade implicada numa relação. E é menos ainda o órgão, pênis ou clitóris, que ele simboliza. E não foi sem razão que Freud extraiu-lhe a referência do simulacro que ele era para os antigos.

O próprio fato de as crianças somente reconhecerem um órgão genital (o masculino) em determinado momento do desenvolvimento infantil, denota que ele está fora da regra anatômica, encontra-se no mesmo nível da representação subjetiva da falta.

A diferença entre os sexos desenvolve-se, então, a partir de uma noção de falta. Para as crianças, o sexo feminino só é diferente porque ali falta algo. Tal concepção de falta é captada pelo registro imaginário no psiquismo infantil enquanto que o real dos sexos, diferença

anatômica, é elaborado e submetido a partir dessa falta e evoca a existência de um objeto, por sua vez também imaginário: o falo.

Esse caráter imaginário do falo confere uma especificidade ao complexo de castração, é com a falta do outro que a criança vai ter que lidar. Toda essa problemática se sustenta no imaginário do fantasma e também numa dimensão simbólica que permite o caminho à metáfora paterna.

A metáfora paterna enquanto processo ligado estruturalmente ao Complexo de Édipo apresenta-se como seu fundamento resolutivo e agrega ao significante fálico seu lugar primordial enquanto representante e fundador do desejo, dando à criança o acesso ao simbólico e promovendo a alienação do sujeito na linguagem. A passagem do status do falo imaginário ao falo simbólico é o que transforma o falo em significante.

Com a incidência da metáfora paterna, a criança toma controle do objeto perdido (a mãe), conseguindo sair da posição de objeto do desejo da mãe (o falo, suposta falta da mãe) e transformando-se em sujeito desejante. Ao fazer-se desejante, a criança encontra-se apta para elaborar uma operação metafórica na qual desloca objetos substitutivos ao objeto perdido (mãe). A partir da metáfora do Nome-do-Pai (metáfora paterna), a criança vai se utilizar da linguagem para obter controle sobre o objeto perdido, algo que se dá por meio do recalque originário.

O recalque originário por sua vez, acontece também por meio de um processo de metáfora, ato de simbolização primordial da lei, que se faz na substituição do significante fálico pelo significante Nome-do-Pai. Na medida em que substitui a vivência de ser o objeto fálico da mãe, vivência do ser, a criança deverá aceder à dimensão do ter. No movimento de tornar-se sujeito, a criança se esforça por nomear simbolicamente uma renúncia ao objeto perdido, o que somente é possível se essa nomeação pautar-se no recalque do significante fálico (desejo da mãe). O recalque originário coloca-se então, como uma ação psíquica que garante a passagem do real vivenciado à sua simbolização através da linguagem.

Para que a operação metafórica relacione o Nome-do-pai à sua função simbólica enquanto apropriação da lei, é necessário que a criança passe pelo momento de nomear o pai simbólico como aquele que é responsável pelas ausências de sua mãe. Atribui-se a ele o falo, primeiro enquanto rival na relação com a mãe e em um momento posterior como quem possui esse falo, que detém o desejo materno.

Para que o acesso à metáfora paterna ocorra via recalque originário, é necessário que haja uma substituição metafórica na qual o significante novo (Nome-do-Pai) tome o lugar do significante antigo (fálico/desejo da mãe) com a condição de que o segundo passe para a

instância inconsciente. Nessa substituição entre os significantes, o desejo da mãe somente foi recalçado graças à presença do Nome-do-Pai, o qual se associa, de agora em diante, ao significado do desejo da mãe, o falo. A existência do significante no Outro, não é acessível ao sujeito, na maior parte das vezes, por sua localização inconsciente (recalçado), e a partir disso, insiste em se fazer representar via significado por meio de um automatismo de repetição. Portanto, ao nomear o Pai, a criança continua a nomear o objeto originário do seu desejo, dinâmica que se dá metaforicamente, uma vez que o objeto situa-se na instância inconsciente.

No plano do simbólico, então, a linguagem eterniza a expressão do objeto originário do desejo, fato que reafirma o Complexo de Édipo, com a metáfora do Nome-do-Pai, reassegurando a castração enquanto única forma possível, a castração simbólica.

Frente à mediação da linguagem e também com o recalque do desejo de “ser” em favor do desejo de “ter”, no desejo da criança impõe-se a necessidade da entrada na esfera das trocas simbólicas relativas ao objeto perdido. O desejo faz-se palavra e transforma-se em demanda. Nesse processo, o desejo se perde cada vez mais, pois o sujeito vê seu desejo simbolizado por diversos significantes que por fim, sempre remetem ao objeto originário.

Apesar de os significantes serem sujeitos à simbolização do objeto original, o desejo fica sempre insatisfeito, pois surge continuamente simbolizado em outros objetos uma vez que não se encontra nos objetos em si. Pode-se afirmar que o desejo encontra-se envolvido na via da metonímia, uma vez que aponta o desejo do todo (objeto perdido) via expressão do desejo da parte (objetos substitutivos).

Uma vez conseguido o status de sujeito e saído da posição de objeto fálico da mãe, uma nova alienação se impõe. O sujeito desejante torna-se fala-ser, envolvido na linguagem de forma a se perder, representa-se sempre pelos significantes substitutivos.

Fica evidente então a importância da metáfora do Nome-do-Pai no processo de estruturação do sujeito. Suas implicações demarcam a estrutura psíquica do sujeito. Se a metáfora fracassa, coloca-se o processo psicótico, se tem sucesso, aliena o sujeito na dimensão da linguagem e promove uma estrutura de divisão subjetiva (Spaltung). O sujeito é dividido pela via da linguagem.

Uma vez que a metáfora paterna é assegurada pelo recalque originário, o que marca o princípio do inconsciente, pode-se tecer a relação em que o inconsciente encontra-se também submetido à ordem do significante.

Para Lacan, a Spaltung instaura o aparelho psíquico, inaugura o sujeito enquanto tal, proporcionando a capacidade de mediatização do sujeito com o Real em seu entrelaçamento com o Imaginário e favorecido pela submissão à ordem do Simbólico.

Em sua relação com a linguagem, o sujeito quando nomeia o objeto perdido através do Nome-do-Pai, não sabe o que diz naquilo que enuncia. Algo escapa ao sujeito nesse movimento da linguagem e é aí que o inconsciente se faz presente, confirmando o fato de que ele é constitutivamente dividido. Lacan afirma a correlação entre inconsciente e linguagem, ou seja, só existe sujeito em ser falante (falasser).

As estruturas clínicas

As estruturas clínicas relacionam-se às diferentes formas de o sujeito lidar com a falta estrutural. Essa se apresenta a partir do Complexo de Édipo e evoca as diferentes formas de defesa ou de negação possíveis a ele.

Para a teoria lacaniana, o recalque (forma de defesa que identifica a estrutura neurótica) se funda com a substituição significante primordial (desejo da mãe pela metáfora paterna) e apresenta o sintoma enquanto metáfora do retorno do recalcado.

Porém, essa ação pode sofrer uma falha, que resulta em outra forma de defesa contra a falta estrutural: a recusa, ou forclusão, que demonstra uma falha relativa à simbolização, processo que impede o deslocamento dos significantes na cadeia.

O conceito de rejeição foi desenvolvido por Lacan por meio dos processos de afirmação e negação apresentados por Freud. O autor trabalha a denegação como uma operação na qual os valores são atribuídos enquanto ação intelectual, o eu assume ou repele as coisas em função do princípio do prazer. De acordo com a interpretação de Lacan, esses dois processos, afirmação (Bejahung) e negação (Verwerfung), colocam-se como possibilidades para uma primeira escolha e posicionamento do sujeito. Entretanto, a rejeição é diferenciada da denegação (Verneinung), a primeira colocada como não aceitação e a segunda como uma negação do que foi uma vez afirmado.

Ocorre então essa primeira divisão na qual o que foi afirmado possui várias implicações e o que foi recusado possui outras.

A recusa leva à psicose e a afirmação conduz à denegação que por sua vez, oferece ao sujeito duas possibilidades: o recalque (que leva à Neurose) e o desmentido (que leva à Perversão⁷). A estrutura neurótica abre duas possibilidades: a histeria e a neurose obsessiva, que se diferenciam tomando o fantasma como referência no fato de que o sujeito obsessivo

⁷ A Perversão assume para Lacan, a função de metonímia. Diante da castração materna, o perverso busca o falo no fetiche.

nega o desejo do Outro e o sujeito histórico alimenta seu desejo na insatisfação pelo lugar de objeto que ocupa para o Outro.

Em toda essa dinâmica aparece um “resto” que é deixado de fora da linguagem e que, unindo-se ao fantasma, se torna o objeto a.

O posicionamento sexual do sujeito neurótico acontece no momento da estruturação enquanto sujeito e da escolha subjetiva das estruturas e está atado à duplicidade entre o falo em seu caráter simbólico e em seu caráter imaginário frente à falta de significante.

A sexualidade e seu caráter simbólico

Lacan retoma a noção freudiana de que a sexualidade do ser humano não se encontra no registro do instinto. Coloca a feminilidade e a masculinidade enquanto posições construídas no sujeito a partir da sua entrada no campo do simbólico, o que por meio da linguagem, dimensiona a especificidade do ser humano.

Pode-se ler sua construção teórica em dois grandes momentos, o primeiro direciona o foco para a questão simbólica e para o surgimento do desejo e o segundo, que se define a partir do Seminário XI, se direciona ao registro do Real e à concepção do objeto a “mais-de-gozar”.

Lacan resgata, em sua leitura de Freud, algo fundamental para a teoria psicanalítica: a noção de falta como experiência básica da existência humana. Uma vez que o sujeito entra no simbólico, na linguagem, o que resulta é uma impossibilidade de contato direto com a realidade. O autor vai afirmar que o gozo é interdito a quem fala, em referência à incidência do Nome-do-Pai sobre o sujeito.

Uma questão que se coloca de fundamental importância para a concepção da sexualidade em Lacan, é a diferenciação entre necessidade, demanda e desejo. Há uma lacuna entre o que a criança demanda e o que recebe uma vez que sua demanda é sempre de amor e os objetos somente são capazes de satisfazer suas necessidades, deixando a demanda de completude, que é de constituição imaginária, insatisfeita. O desejo identifica-se como o que resta da demanda após a satisfação da necessidade, de onde vem a fórmula: $d = D - N$.

Lacan (1958, p.697), ao discorrer sobre a função do significante, coloca os efeitos de sua presença, explicitando a alienação do sujeito ao Outro da linguagem: “Eles são, para começar, os de um desvio das necessidades do homem pelo fato de ele falar, no sentido de que, por mais que suas necessidades estejam sujeitas à demanda, elas lhe retornam alienadas”.

Na mesma conferência, o autor discorre também sobre a demanda de amor:

A demanda em si refere-se a algo distinto das satisfações por que clama. Ela é demanda de uma presença ou de uma ausência, o que a relação primordial com a mãe manifesta, por ser prenhe desse Outro a ser situado aquém das necessidades que pode suprir. Ela já o constitui como tendo o “privilégio” de satisfazer as necessidades, isto é, o poder de privá-las da única coisa pela qual elas são satisfeitas. Esse privilégio do Outro, assim, desenha a forma radical do dom daquilo que ele não tem, ou seja, o que chamamos de seu amor.

Na medida em que o inconsciente se coloca enquanto resultado da condição simbólica humana, e uma resistência à simbolização, o desejo pode surgir nesse vazio, o que confirma a função da falta fundamental no ser humano ao qual se refere Lacan. Como mencionado anteriormente, essa falta é estrutural e o que posiciona o sujeito em termos de estruturas psíquicas é a maneira como ele vai lidar com ela.

A identidade sexual do sujeito está, portanto, assujeitada, assim como sua estruturação, à incidência da metáfora paterna, apresentando-se na maneira como o sujeito se posiciona em relação ao falo.

Prates (2001, p.81), ao tecer a associação entre o falo e a sexuação, discorre sobre o caráter cultural da função fálica:

O falo constitui o artifício, forjado pela cultura, para lidar com o gozo inalcançável, e é a partir desta artificialidade que se dá no ser humano, o posicionamento sexual. O fato de ser cultural – argumento do qual muitos críticos da psicanálise lançam mão – não o torna menos autêntico ou operacional, pois a partir do momento em que opera-se no plano da linguagem, também é no plano da cultura que se opera.

Ressaltamos tal afirmação para atribuímos suporte à questão da sexuação para Lacan. Uma vez inserido no plano da linguagem, demarca-se o posicionamento do sujeito em relação ao desejo do Outro e acrescenta-se um “a mais” no gozo fálico, o que confirma a assertiva de Lacan “não há relação sexual”.

Tal afirmação, embora polêmica, está pautada na construção freudiana da primazia do falo, especialmente com relação às suas postulações sobre a dissimetria sexual, ou seja, deve-se ler “não há complementação possível entre os sexos”.

A feminilidade, a sexualidade feminina e os modos de gozo

Lacan, diante da dificuldade de Freud em explicar como a menina se tornaria mulher pelo fato de sentir inveja do pênis, ou seja, querer ser um homem e também como a mulher se esquivaria desse retorno da masculinidade (constituente da relação da menina com sua mãe) recalçada pelo Complexo de Édipo feminino, vai se dedicar ao estudo do que seria específico não à identidade feminina, mas sim ao modo de gozo feminino.

Na teorização lacaniana, a questão da feminilidade passa também por um movimento de aperfeiçoamento, compreendido aqui como um movimento constante de novas formulações, mesmo que apoiada nas questões freudianas acerca da dissimetria sexual e contestando a noção de bissexualidade primordial do sujeito.

Ao assumir também a especificidade de um Complexo de Édipo da menina diferenciado do Complexo de Édipo do menino, Lacan vai afirmar que o processo de simbolização na menina não ocorre da mesma maneira que no menino. Aponta que no plano do Imaginário, a mulher tem que encarar a ausência fundamental na construção da sua identidade. Para Lacan, a realização do sexo da mulher se estabelece por meio da identificação paterna (o falo nesse estágio aparece enquanto objeto).

A mulher se apega ao falo na tentativa de responder à sua identidade. À questão de Freud “o que quer uma mulher?”, se sobrepõe a questão “o que é uma mulher?”. O posicionamento sexual da menina vai se dar pelo fato de que ao não possuir o falo, ela o constrói simbolicamente. O mecanismo do desejo aparece aí no fato de a mulher colocar seu filho no lugar do falo, uma vez que o falo é o que ela deseja.

No decorrer de suas conceituações, Lacan consolida algumas posições acerca da feminilidade e, diante da determinação do falo enquanto significante primordial do desejo humano, chega à dialética entre o “ser” e o “ter” o falo. Desse momento em diante, o que vai ser considerado é como a mulher se posiciona nessa dinâmica.

Em “A Significação do Falo” (1958, p.701), Lacan propõe um caminho para pensar a relação entre o amor e o desejo no feminino. Ele registra:

Por mais paradoxal que possa parecer essa formulação, dizemos que é para ser o falo, isto é, o significante do desejo do Outro, que a mulher vai rejeitar uma parcela essencial da feminilidade, nomeadamente todos os seus atributos na mascarada. É pelo que ela não é que ela pretende ser desejada, ao mesmo tempo que amada.

Aparece aqui a possibilidade da mulher em ter, no mesmo objeto, o amor e o desejo. A tese da mascarada, que Lacan empresta de Joan Rivière, remete ao fato de a mulher querer ser amada e desejada pelo que ela não possui, o falo, o que se une ao fato de o homem, objeto do seu desejo, possuí-lo.

Essa concentração do amor e desejo no mesmo objeto teria a função de encobrir uma “duplicidade do sujeito”. Prates (2001) coloca uma questão de grande pertinência a esse respeito, se a articulação entre estruturação psíquica e a divisão sexual resumem-se na instauração fálica, que não deixa de se basear no imaginário do pênis, como se localiza a feminilidade em relação às estruturas clínicas? Ao que responde colocando uma alternativa, que se adequa a esse período da obra lacaniana, e que se relacionaria a uma saída estruturalista, seria uma explicação da feminilidade enquanto modelo da histeria.

Para analisar o desejo contraditório da histérica, podemos nos apoiar no pareamento entre feminilidade e histeria. Nesse direcionamento de busca do falo no pai, enquanto fuga da sedução materna, a menina encontra um homem que deseja e que por sua vez também é faltante. Tal assertiva marca na histérica um desejo de insatisfação, e a repetição de uma atitude de reivindicação atribui a ela um caráter ao mesmo tempo fálico e castrado.

A histérica tenta responder a questão sobre o que é uma mulher na medida em que busca se identificar ao pai e a feminilidade passa a assumir o lugar de uma posição em relação à falta estrutural e à castração, que pode se aplicar tanto ao homem quanto à mulher.

Com o decorrer do aperfeiçoamento teórico de Lacan, seus interesses se deslocam do foco relativo ao registro do desejo, para o registro do gozo.

Um grande marco para a questão da mulher e da feminilidade é estruturado por Lacan no seu Seminário XX denominado “Mais, Ainda” (1972). Nele Lacan situa algo que já vinha formulando sobre a sexualidade feminina, direciona seu interesse muito mais na questão do gozo feminino do que na identidade feminina. Fazendo isso, apega-se mais à questão sobre a divisão que o primado do falo proporciona à menina do que sobre a castração e as saídas apresentadas diante dela. O autor afirma que a feminilidade é uma questão para o sujeito que não se assujeita completamente ao Édipo e à lei advinda da castração.

André (1998) ao fazer uma retrospectiva sobre os questionamentos de Lacan sobre a sexualidade feminina antes de concluir as afirmações do Seminário XX, menciona o Congresso denominado “Diretrizes para um Congresso sobre a Sexualidade Feminina” (1958) no qual o autor ressalta a dificuldade dos psicanalistas em elucidar em que consiste o gozo feminino.

Lacan chega, então, a essas questões fundamentais sobre a feminilidade: o que caracteriza a feminilidade é um desdobramento do gozo, o que questiona a colocação de Freud sobre o desdobramento clitorís – vagina (coloca-se aqui a dinâmica da feminilidade pautada em uma divisão e não somente no processo de castração); a concepção de única libido na constituição do sujeito sexuado deve ser reconsiderada (a sexualidade feminina se constrói de maneira diversa da sexualidade masculina); o que caracteriza a feminilidade enquanto um mistério é o fato de a mulher se colocar como suplente da inexistência do Outro em relação ao sexo (a atribuição enigmática serviria como algo que recobre a impossibilidade da relação sexual) e também, a questão de a feminilidade se estruturar em função da sua relação de assujeitamento do sujeito ao falo como significante no nível inconsciente.

A feminilidade, a partir dessas proposições, vem explicitar a articulação entre o significante com seu efeito de significado e o gozo.

André (1998) tece a distinção entre os dois tipos de gozo colocada por Lacan desde “A Significação do Falo” (1958) e “Subversão do Sujeito e Dialética do Desejo no Inconsciente Freudiano” (1960) e como se apresenta em “Mais, Ainda” (1972), para explicar a sua relação diferenciada com o significante e seus efeitos de significado. Em “Subversão do Sujeito...” é questionada a relação da castração com o gozo sexual tal como é apresentada em Freud. Para Freud a castração seria um impedimento ao gozo e Lacan sustenta outra posição, na qual somente a castração (com sua finalidade simbólica) abre caminho para o registro do gozo sexual.

Lacan faz uma releitura do mito do pai da horda de “Totem e Tabu” de Freud. No mito, a castração é introjetada pelos filhos, após matarem o pai, o suposto ser não castrado que pode gozar de todas as mulheres e ameaçar castrar os filhos. Após sua morte, os filhos, que julgavam poder gozar, interditam a si mesmos e gozam ainda menos que antes, pois instituem as regras do tabu. Na leitura freudiana, o Complexo de Édipo e o complexo de castração que advêm dessa situação, são os responsáveis por fazer barreira contra o gozo, enquanto que para Lacan, apresenta-se uma outra possibilidade de leitura a partir de um aprimoramento do conceito de gozo.

Ao propor uma distinção entre dois tipos de gozo, Lacan atribui ao pai da horda, o gozo não relacionado ao falo (não sexual), o gozo Outro (referente ao ser). Nas palavras de André (1998, p.213): “Deste gozo do ser, a linguagem – e mais precisamente, o significante do falo – tem por efeito nos separar, abrindo-nos por esse corte o campo de um novo gozo, que não está mais ligado ao ser, mas sim ao semblante”(p. 213).

Ao retomar a problemática da feminilidade no Seminário “Mais, Ainda”, Lacan distingue o gozo do conceito de satisfação e de prazer colocados por Freud. O gozo a que ele se refere está associado ao Direito, de onde vem que gozar de algo é usá-lo até o abuso, abuso ao qual o Direito estabelece limites ajustando ao útil. O gozo lacaniano é o que não serve pra nada, que se contrapõe ao útil.

Ao definir o gozo sexual, esse aparece como o que limita o gozo no geral pelo fato de estar dependente do significante.

A questão que engloba o gozo sexual e o gozo Outro está envolta pela relação entre o ser e o significante. Ao inverter esta ordem, Lacan afirma que o ser não pré-existe ao significante, ao contrário, é produzido por ele. É proposta uma nova relação entre real e simbólico na medida em que à linguagem atribui-se a capacidade de dar forma ao ser, diferenciando-se de uma concepção na qual a linguagem chega a ele como uma superestrutura que o envolve.

O gozo do ser então, se coloca em falta na relação com o significante e ignora a existência do sujeito na cadeia. Ele se torna inacessível uma vez que se posiciona fora da linguagem, dando suporte ao corpo. Diferencia-se do gozo sexual, pois nesse, o sujeito só ingressa via significante. A divisão do gozo foi proporcionada pelo significante fálico, uma vez que é a referência fundamental.

No que confere à mulher, a ordem sexual demarca a existência de somente um significante da sexuação, o que a deixa à sombra no que confere à possibilidade de um fundamento para sua identidade. Para o discurso inconsciente, o Outro sexuado não existe, não havendo, então, a relação entre dois sexos opostos. O gozo sexual, por estar atrelado ao significante fálico extingue a possibilidade de gozo de um corpo feminino.

Compreende-se o quanto a relação entre o ser falante e o gozo é deficiente, na medida em que uma relação sexual atesta a disjunção entre corpo e sexo e impede a relação sexual entre um sexo e o outro.

Mesmo que se possa estabelecer uma relação entre o conceito de gozo nos diferentes momentos na obra lacaniana, há um exame fundamental sobre a questão da sexualidade feminina no que tange ao gozo propriamente feminino e seu lugar quanto à castração.

Nas construções anteriores, o autor não considerava que o significante e o gozo fálico precedessem e modelassem a existência do ser e do gozo Outro correlativo a ele. Sem a existência do significante, nada mais existe, nem mesmo o ser, enquanto significado produzido pelo significante e que contém o real (onde Lacan situa o objeto a).

A relação entre gozo e linguagem favorece a concepção de que não existe realidade pré-discursiva. Nada existe sem que haja a linguagem. Em uma associação entre o aquém e o

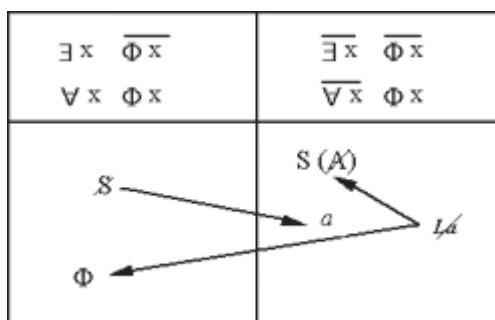
além da linguagem com o gozo, surge o questionamento mencionado por André (1998, p.218):

Se o ser é assim produzido pela (e não pré-existe à) significância, se o suposto aquém da linguagem se revela ser seu mais-além, convém reconsiderar a relação entre os dois gozos. O gozo do ser, do Outro como tal, não será finalmente, produzido como seu mais-além pelo gozo sexual, quer dizer, pela função fálica? O interdito do gozo não consistirá mais que na exclusão de um gozo primário, na evocação, entre os ditos, da esperança de um outro gozo, mais completo, mais corporal – um Outro gozo que seria especialmente atribuído às mulheres?.

Coloca-se enquanto propriedade do significante, sua capacidade de conduzir a um além do que nomeia, seu mais-além, na medida em que funciona como borda, limite. Tal assertiva posiciona o gozo fálico, com seu caráter parcial (registro das pulsões), fora do corpo, num lugar a mais.

A discussão que se coloca para que Lacan situe a sexualidade feminina em um gozo além, o gozo Outro, relaciona-se a forma como ele reavalia a noção de bissexualidade exposta em Freud. Lacan parte dessa noção para atualizar a distinção entre as posições feminina e masculina em relação ao sexo.

Lacan propõe então, um quadro denominado “fórmulas quânticas da sexuação”.



A coluna da esquerda demonstra a posição masculina na sexuação, seu significante é o do Um, e a coluna da direita explica a posição feminina e seu significante é o do Outro. Tal divisão não corresponde à diferença sexual anatômica entre os sexos, mas define uma divisão do sujeito provocada pelo significante. A escolha da posição subjetiva adotada pelo sujeito é afirmada em seu próprio discurso e pode não se submeter à sua anatomia.

Para todas as fórmulas apresentadas existe uma referência, uma função: Φx (lei fálica), essa coloca que tudo o que se relaciona à sexualidade provém da função do falo,

independentemente do lado que se coloque. O que importa aqui é a forma de o sujeito se inserir na lei fálica. De acordo com sua condição de falasser, o sujeito escolhe subjetivamente sua posição.

As fórmulas que representam essas duas formas de introdução na Lei possuem dois tipos de quantificadores: os quantificadores existenciais, $\exists x$ e $\overline{\exists x}$ (“existe um” e “não existe um”) e os quantificadores universais $\forall x$ e $\overline{\forall x}$ (“para todo x” e “para não todo x”), sendo que o x indica o sujeito.

O que expõe o lado masculino, na parte superior esquerda do quadro, encontra-se preciso por duas fórmulas: $\exists x. \overline{\Phi x}$: existe um sujeito para o qual a função Φ não funciona, ou existe um homem que se inscreve fora da castração; $\forall x. \Phi x$: para todo o sujeito a relação a Φ é verdadeira, ou todo homem está submetido à Lei da castração.

As leis que regem essas afirmações partem da leitura matemática, portanto a contradição é apenas aparente, sua procedência está na relação entre a regra e a exceção uma vez que a exceção confirma a regra e também dá a ela seu fundamento.

Essas definições acerca da posição masculina são reportadas ao mito do pai da horda, de “Totem e Tabu”. Na medida em que o pai primitivo se identifica ao homem não sujeito à castração, aquele que pode gozar de toda mulher, aos filhos se associa a castração e frente esse “super - homem” todos os outros encontram-se fragilizados. Ao tecer uma alusão à questão da regra e da exceção, pode-se afirmar que a essa impotência constitutiva, implica-se a identidade dos homens, os filhos castrados aqui formam um conjunto.

A posição feminina, situada na parte superior direita do quadro, apresenta outras duas fórmulas: $\overline{\exists x. \Phi x}$: não existe sujeito para quem a função Φx não funcione, ou não existe nenhuma mulher que não esteja assujeitada à castração; $\overline{\forall x. \Phi x}$: para não todo sujeito é verdadeiro que falo funcione, ou a mulher é não - toda submetida à castração.

O que aparece nessa primeira fórmula é a não existência de uma figura que represente um conjunto de mulheres, nenhuma mulher faz exceção à regra, todas se inserem na lógica da castração. Confere-se aqui uma formulação lógica de Lacan para a questão iniciada por Freud acerca da falta de identidade feminina.

Uma vez que não há exceção, não há também a regra. Se nenhuma mulher se inscreve fora da castração, não existe também um conjunto de mulheres a que assumam uma Lei comum. Para que haja a constituição de um grupo, o sujeito posicionado desse lado teria que recusar essa falta e então se posicionar do outro lado do quadro, onde todo o sujeito se submete à castração, na tentativa de encontrar uma identidade.

A descoberta lacaniana, o que é proposto como alternativa ao impasse a que chegou a teorização freudiana, concebe a afirmação de que “A Mulher” não existe, ou seja, as mulheres constituem um conjunto aberto, portanto devem ser contadas uma a uma. Cada uma só se inscreve parcialmente na função fálica, na função sexual tal como determinada pelo significante.

A parte inferior do quadro apresenta o a barrado, uma vez que “a” mulher não existe. A mulher se relaciona em sua sexualidade tanto com o significante fálico quanto com o significante do Outro. A sexualidade feminina se mostra então, dividida diante da castração.

Essa cisão relaciona-se à identidade da mulher e também ao seu gozo. Uma vez provocada pelo falo, a cisão confere à mulher uma parte apreendida pelo gozo fálico e outra parte apreendida pelo gozo Outro, classificado também como gozo do corpo.

A possibilidade conferida à mulher em poder gozar não somente com seu parceiro, mas também com seu próprio sexo, confere uma característica especial à homossexualidade feminina. A parte feminina da sexualidade da mulher, quando se liga ao mais-além do gozo fálico (gozo Outro), autorizaria a ela gozar de si mesma enquanto outra.

A maternidade e a gravidez

A maternidade está frequentemente associada à lógica fálica, dado a relação do par mãe-criança. Tal relação pressupõe o fato de tanto a mãe colocar a criança no lugar do falo, que seja uma referência para a feminilidade, quanto a criança ter, em seu desenvolvimento, o momento de se identificar com o falo para sua mãe, reconhecer a mãe como fálica e reconhecer posteriormente a castração materna.

Marcos (2007) propõe uma leitura da gestação e da maternidade para além do gozo fálico para a mulher, uma vez que esse momento e o posterior contato com a criança real favorecem a ela a possibilidade de lidar com o gozo Outro. Esse advindo da relação crua com o corpóreo e com o lugar da não possibilidade de simbolização através da linguagem conferida à criança enquanto bebê.

Lacan (1960, 739) já se questionava a esse respeito em “Diretrizes para um Congresso sobre a Sexualidade Feminina”: “...convém indagar se a mediação fálica drena tudo o que pode se manifestar de pulsional na mulher, notadamente toda a corrente do instinto materno”.

A maternidade e a histeria situam-se em uma mesma lógica enquanto resposta aos impasses assumidos pela posição feminina – dificuldade da mulher em se identificar fora da referência fálica. Para diferenciar a relação do homem e da mulher frente à castração,

podemos afirmar que o homem possui a representação fálica enquanto a mulher busca o significante que intermedeie sua relação com o real. A criança assume esse lugar de resposta (e também é colocada aí pela mãe), a mulher concebe um objeto real para lidar com a falta.

A criança, ao situar-se enquanto falo, busca tamponar o buraco explicitado pela castração e direciona a mãe tanto no sentido de uma ilusão de completude quanto no sentido de uma desilusão, uma vez que confere a ela o encontro com o real, algo que denota a impossibilidade de recobrimento do real pelo simbólico. Esse gozo Outro, porém, pode causar uma ambiguidade na subjetividade materna, ao mesmo tempo em que recobre e aponta a falta constitutiva do Outro.

Lembremos que o primeiro encontro do sujeito com esse real corpóreo e estrangeiro se dá na relação com a mãe. Nesse encontro, que imprime a distinção entre real e simbólico, o corpo da mãe adquire seu lugar inacessível. A mãe, por ser o primeiro Outro, se oferece como veículo de apreensão do corte real e simbólico na medida em que, por meio da palavra, organiza o corpo pulsional e estabelece os significantes ao colocar em movimento a dinâmica do desejo e do falo. O corpo feminino toma, nessa questão, o lugar de Outro absoluto tanto para homens quanto para mulheres, ressaltando aí o enigma da feminilidade.

O contato com a feminilidade só se formaliza com a descoberta da castração materna – antes do complexo de castração, a mãe possui falo para meninos e meninas. A partir de então, abre-se uma outra relação para as meninas com o real da coisa materna. Uma resposta possível, atribuída por Marcos (2007) refere-se à questão de a mulher engravidar, poder constituir uma relação com a coisa materna por meio de seu próprio corpo.

De acordo com essa questão, pode-se afirmar que o destino da feminilidade colocado por Freud encontra seu correlato nas afirmações lacanianas sobre a relação da mulher com um gozo que seria propriamente feminino, o gozo Outro por meio do corpo na gravidez e por meio da criança na maternidade.

3 – De Freud a Lacan...

Buscamos percorrer as principais formulações e conceituações da teoria freudiana e lacaniana no que se refere à sexualidade e especificamente a Feminilidade nesse contexto.

Fazemos, a partir do tema, uma leitura que compreende as concepções lacanianas como uma “continuação” do que Freud iniciou a respeito da teoria e prática psicanalíticas, tendo Lacan ultrapassado os impasses postulados por Freud no que diz respeito à Sexualidade Feminina

Enquanto Freud encaminhou seus escritos no sentido de especificar uma sexualidade tipicamente feminina, Lacan concebe a inexistência de A Mulher, uma vez que, às mulheres, atribui a impossibilidade de constituição de um conjunto, ou seja, devem ser consideradas em sua singularidade sem a determinação de um desejo único.

No processo de elaboração sobre uma suposta identidade feminina, Freud encontra uma barreira, o “rochedo da castração”, o qual posiciona a inveja do pênis como um impeditivo ao final da análise das mulheres.

Acompanhamos André (1998) que explicita quatro grandes temas que estão ligados à questão da Feminilidade para Freud, e que constituem ponto de impasse nas suas formulações: a bissexualidade constitutiva, o conceito de libido única (masculina), a diferença dos sexos e o tornar-se mulher. Ao que se aproxima da diferença entre os sexos, Freud verifica que a inscrição da diferença sexual não se dá no nível inconsciente como tal, uma vez que parte da não possibilidade da identificação do órgão sexual feminino. Vimos que nos diferentes momentos da evolução de suas descobertas sobre a sexualidade infantil, a criança apresenta diversas formulações sobre a diferença sexual: em 1908, a criança do sexo masculino não vê a falta de pênis na menina, acredita que vai se desenvolver; em 1922 e 1923, percebe a falta do pênis, mas acredita que é resultado da castração e em 1924, Freud postula que, para que a criança perceba o sexo feminino enquanto resultado de uma castração, é necessário que tenha vivido antes tal ameaça. O não reconhecimento que se confere ao órgão feminino é o que leva à concepção de falo e o que se inscreve no inconsciente é a oposição castrado/não castrado.

Em 1927, com “Fetichismo” a questão se encaminha não para a percepção da negação do pênis na mulher, mas para a negação do fato (desmentido). A oposição castrado/ não castrado se dá no psiquismo do sujeito, provocando uma cisão subjetiva, processo que posteriormente

é identificado à cisão desejo e real enquanto um processo possível também aos neuróticos (antes associado por Freud somente aos casos de psicose).

Diante do impasse ao qual chegou Freud na busca de diferenciar os dois sexos, pode-se inferir que ele já tinha implícito em suas descobertas a idéia de um posicionamento masculino e feminino na subjetividade.

Em “Sobre o Narcisismo: Uma Introdução” ao diferenciar os tipos de escolha objetal feminino e masculino, Freud parece também trazer implícita a noção das posições masculina e feminina, e não de identidade, visto que declara que existem também mulheres que amam de acordo com o modelo masculino, apresentando a supervalorização sexual própria àquele tipo.

Em relação ao tornar-se mulher, diante da impossibilidade de enunciação do sexo feminino, a Feminilidade aparece não como constitucional, mas sim como construída. A partir de 1925, o foco é colocado na relação pré-edípica da menina com a mãe. A menina, ao ter o pênis negado pela mãe, volta-se ao pai a fim de obtê-lo. O pênis, também negado pelo pai, a partir de uma equivalência simbólica, torna-se o bebê dele esperado.

Lacan, frente aos impasses apresentados na teoria freudiana, afirma: “Não há relação sexual”. Tal assertiva explica a impossibilidade de uma relação complementar entre homens e mulheres. A sexualidade dos seres falantes, enquanto mediatizados pelo simbólico é interdita a uma relação de simetria entre dois sexos diferentes, fato que se assemelha a relação ambígua de Freud com a questão da bissexualidade, tal como compreendida por Fliess (relação de simetria invertida entre os dois sexos).

A questão da não existência de um significante que represente o sexo feminino, reflete também a posição freudiana da não percepção da vagina em nível imaginário, o que demonstra que ela não é reconhecida como Outra em relação ao falo.

Quanto à problemática da libido única com dois modos de satisfação (ativo e passivo) e dois objetos (libido objetal e libido do eu), essa é revestida por Lacan, que se direciona ao gozo feminino. Questiona-se não sobre uma identidade sexual feminina, mas sim sobre a existência de um modo de gozo propriamente feminino. Questão que o leva ao gozo fálico e ao gozo Outro, o segundo surgindo como um mais-além do gozo masculino. Esses dois modos de gozo dividem a libido e também o sujeito em uma parte toda fálica e outra não toda fálica.

Nesse contexto, a maternidade é normalmente situada em uma lógica fálica, uma vez que a criança ocupa a princípio o lugar de falo da mãe. Outro aspecto relaciona-se ao fato de a maternidade conferir uma identidade à mulher, configurando uma tentativa de se definir pelo significante “mãe”, porém a gestação e a gravidez possuem uma outra face que não se reduz

ao falo. Algo que se liga ao mundo orgânico e a um gozo que se coloca como animal e excessivo, em uma associação ao que Lacan definiu como gozo Outro que pode conferir também à criança a capacidade de simbolizar um encontro com o Real, portanto com algo inapreensível.

A maternidade, apresentada enquanto saída para a Feminilidade (versão freudiana) encontra-se associada à histeria na medida em que segue a mesma lógica do desejo. Ao fugir da sedução materna, a menina procura abrigo ao lado do pai, que teria a função de fornecer o falo que tanto deseja.

Em Lacan, a histeria aparece como paradigma da Feminilidade. Uma vez que a não possibilidade de enunciação do sexo feminino se coloca, a histérica se pergunta: O que é ser mulher? A falta registrada no simbólico acerca da Feminilidade, marca esse lugar de vazio, de enigma e resulta na continuação dessa pergunta histérica: O que é ser mulher, se não é ser mãe?

Ao estabelecermos um confronto entre as duas visões, enquanto em Freud, o desejo feminino poderia ser alcançável por meio da maternidade (associação criança – falo) favorecendo a resolução da falta; em Lacan a posição tipicamente feminina, ou seja, o acesso ao gozo Outro, o qual aponta não para a possibilidade de completude, mas sim para o gozo além do falo (que se liga ao real da estrutura), se colocaria acessível à mulher por meios da maternidade na medida em que favorece uma relação específica com o real.

Iniciamos essa pesquisa com um questionamento sobre o acesso que as mulheres têm às diversas formas de gozo fálico: realização profissional, sucesso financeiro, etc. Essas possibilidades de acesso ao social, porém, não definem que A Mulher exista. À relação sobre se um excesso de gozo fálico seria um impeditivo ao gozo Outro, coloca-se a mediação entre os dois tipos de gozo: o gozo fálico delimitando o gozo Outro, o segundo só pode ser imaginado a partir dos limites impostos pela questão fálica.

Realizamos uma contextualização histórica acerca da maternidade para, em um confronto com as condições atuais da mulher, pensarmos nessas respostas subjetivas que o sujeito oferece ao Outro primordial.

Askofaré (2009), em artigo sobre a subjetividade contemporânea, estabelece uma articulação entre sujeito e subjetividade na qual ressalta a relevância do contexto histórico e cultural relacionados ao discurso do Outro, como saber inconsciente.

Em uma reflexão sobre a menção a uma subjetividade contemporânea ou um sujeito contemporâneo formula o questionamento: “Pode-se falar de um sujeito contemporâneo – o que evoca uma especificidade ligada ao tempo, à época e, portanto, à história – se o sujeito se

define pelo seu assujeitamento à linguagem, e como o que um significante representa para um outro significante?” (Askofaré, 2009, p. 166).

Torna-se necessário, a partir desse ponto, delimitar o sujeito da psicanálise como sujeito do significante, produto ativo, mas efeito da linguagem – compreendendo a linguagem como caminho para a simbolização e elo entre real e ser.

O sujeito lacaniano, ao situar-se na articulação entre estrutura e história. Assume a posição de estrutura, e se funde ao discurso do Outro. Enquanto estrutura, mantém uma constância, pois é linguagem, e enquanto submetido ao Outro, sofre a alteração da instância social.

Concordamos que a maternidade e a feminilidade apresentam-se como uma expressão da leitura de uma subjetividade contemporânea que confere uma nova apropriação do sujeito em relação à sexualidade e ao desejo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, Serge. **O que quer uma mulher?** Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1998.

ARCHANJO, Daniela. Gênero e Michel Foucault. In: **Seminário Internacional Michel Foucault: Perspectivas**, v. 6, 2004, Florianópolis. Anais Foucault: Seminário internacional. Florianópolis: 2004. Pp. 755-762.

ASKOFARÉ, Sidi. Da subjetividade contemporânea. In: **A peste – revista de psicanálise e sociedade**. A economia libidinal na sociedade contemporânea. São Paulo, 2009. p. 165-175, v. 1.

ASSOUN, Paul-Laurent. **Freud e a mulher**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1993.

BADINTER, Elizabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DOR, Joel. **Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2003.

FREUD, Sigmund (1908). Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna. In **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____ (1908). Sobre as teorias sexuais das crianças. In **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____ (1914). Sobre o Narcisismo: Uma introdução. In **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____ (1917). Transformações do instinto exemplificadas no erotismo anal. In **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____ (1920). Além do Princípio de prazer. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____ (1923). A organização genital infantil: Uma interpolação na teoria da sexualidade. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____ (1924). O problema econômico do masoquismo. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____ (1924). A dissolução do complexo de Édipo. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____ (1925). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____ (1927). Fetichismo. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____ (1931). Sexualidade feminina. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____ (1933). Feminilidade. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

GOMES, Gilberto. Os Dois Conceitos Freudianos de *Trieb*. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília, Set. 2001. Disponível em: <http://SciELO.org/php/index.php>. Acesso em: 01 jan. 2010.

LACAN, Jacques. (1958) A Significação do falo. In: **Escritos**. Trad: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. (1960) Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina. In: **Escritos**. Trad: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LABAKI, Maria Elisa P. Ter filhos é o mesmo que ser mãe? In: **Interloquções sobre o feminino na clínica, na teoria, na cultura**. São Paulo: Escuta/Instituto Sedes Sapientiae, 2008.

MANNONI, Octave. **Freud: Uma biografia ilustrada**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

MARCOS, Cristina. Figuras da Maternidade em Clarice Lispector ou a Maternidade para Além do Falo. Agora: Estudos em Teoria Psicanalítica, Rio de Janeiro, Jan. 2007. Disponível em: <http://SciELO.org/php/index.php>. Acesso em: 01 maio 2008.

MEZAN, Renato. **Freud: A trama dos conceitos**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

MIGUELEZ, Nora B. S. **Complexo de Édipo: Novas psicopatologias, novas mulheres, novos homens**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

PALONSKY, Cíntia. **Estruturas clínicas na clínica: A histeria**. Minas Gerais: Editora da PUC Minas, 1997.

PERROT, Michele. “Michel Foucault e a história das mulheres”. In: **O legado de Foucault**. São Paulo: Editora da UNESP, 2006.

PRATES, Ana L. Feminilidade e experiência psicanalítica. São Paulo: Hacker Editores: FAPESP, 2001.

REVEL, Judith. **Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos: Claraluz, 2005.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A Família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

SILVA, T. S. S. **A opção de não ter filhos:** um desejo ou uma escolha? São Paulo, 2002, 211p. Trabalho de conclusão de curso. Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.